



**SINDILAT/RS**

Sindicato da Indústria de Laticínios  
do Rio Grande do Sul

## **CLIPPING SINDILAT**

Março de 2021



**SINDILAT/RS**  
Sindicato da Indústria de Laticínios  
do Rio Grande do Sul

# CLIPPING IMPRESSO

Março de 2021

## Aliança Láctea Sul Brasileira busca saídas para gargalos que pressionam o setor

A primeira reunião de 2021 da Aliança Láctea Sul Brasileira trouxe à tona os desafios de curto, médio e longo prazo que precisam ser enfrentados pelo setor. Abrindo a reunião virtual coordenada por Ronei Volpi, o presidente da Farsul, Gedeão Pereira, lembrou que o agronegócio vive um momento favorável, à exceção de alguns setores, como o leite. Segundo ele, os custos elevados vêm pressionando a atividade, sobretudo em função do desabastecimento de milho.

Uma das saídas apontadas por ele é reduzir a dependência do setor produtivo pelo cereal. Para isso, a Farsul deve iniciar em breve um estudo que estimule a produção de grãos alternativos no inverno em áreas utilizadas por coberturas verdes. “Essa pode ser uma alternativa à importação de 4 milhões de toneladas de milho pelo Rio Grande do Sul, cujos custos se refletem em outras cadeias também, como a de suínos e a de frangos. No curto prazo não vamos resolver o déficit de milho por meio do plantio”, destacou Gedeão. O mesmo cenário deficitário

com o milho foi relatado por representantes do Paraná e de Santa Catarina, estado esse que vem se deparando com a necessidade de compra de até 6 milhões de toneladas para dar conta de suas cadeias produtivas.

O momento delicado pelo qual atravessa o setor lácteo foi confirmado pelo 1º vice-presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat), Alexandre Guerra. “A única certeza que temos é o aumento do custo ao produtor e indústria, com muitos atuando sem margem e outros no negativo”, afirmou. De acordo com ele, no front, estão incertezas sobre a sustentação do mercado como reflexo do auxílio emergencial que deve ser liberado em breve, e como será o comportamento do consumidor diante dos novos cenários, além dos novos custos provocados pelo aumento do preço do combustível, que gera inflação para todos os elos da cadeia.

“Os custos em nível industrial estão absurdos, junto a isso, vemos queda no poder de compra dos consumidores”, arrematou

Valter Brandalise, do Sindileite (SC). O estado, segundo o secretário da Agricultura, Altair Silva, tem o desafio de buscar no mercado uma quantidade ainda maior de milho neste ano. “Vamos produzir apenas 2 milhões de toneladas, o que exigirá uma compra de 5 milhões de toneladas. De onde sairá tanto milho?”, questionou. O secretário entende que, diante do quadro, a Conab deveria focar sua atuação de forma a manter uma pauta comum que atenda às necessidades de abastecimento de todos os estados. Já o secretário da Agricultura do Paraná, Norberto Ortigara, reforçou que além da estiagem, dos custos e da disparidade do dólar, o setor ainda concorre com a área de combustíveis, já que 7 milhões de toneladas do cereal são direcionadas para a fabricação de etanol.

O chefe-geral da Embrapa Gado de Leite, Paulo Martins, elencou alguns pontos que precisam ser trabalhados para garantir eficiência, competitividade e resultados. Entre eles está a necessidade de políticas diferenciadas para os diversos níveis de produtores hoje



Déficit na produção de milho é problema que imprime risco à atividade

em atuação no país, além de uma política de automação tanto para o produtor como para a indústria.

Martins defendeu a ideia de que o setor passe a apostar ainda mais na inovação por meio da entrega de serviços/produtos/tecnologias de startups. “Precisamos colocar os jovens juntos nesse processo, caso contrário, não teremos a velocidade necessária para encontrar as soluções que buscamos”, disse.

Já o consultor para a cadeia

leiteira Airton Spies lembrou que a volatilidade é algo frequente no preço do leite brasileiro. Em 2020, o preço saiu de R\$ 1,40 o litro em maio para algo próximo a R\$ 2,20 em outubro, uma variação de 53% segundo dados do CEPEA. “Os anos anteriores também tiveram a mesma flutuação, onde certamente predominaram margens muito estreitas em boa parte desse período, o que torna a atividade vulnerável a qualquer tipo de planejamento e investimento”, disse.

# Importação de leite perdeu força nos últimos meses

Em movimento que sofre impacto da desvalorização do real, volume caiu de 22 mil toneladas em dezembro para 14,6 mil toneladas em fevereiro

**A**lvo de reclamação dos produtores de leite, a importação de lácteos perdeu força nos últimos meses como consequência da elevação da taxa de câmbio. Segundo dados do Ministério da Economia compilados pelo Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat), o volume total de importações feitas pelo Brasil caiu de 22 mil toneladas em dezembro de 2020 para 14,6 mil toneladas em fevereiro deste ano. O cálculo inclui a importação de leite em pó integral, leite em pó desnatado, iogurtes, soro de leite em pó, manteiga e queijo.

“As importações ocorrem muito mais por uma oportunidade de diminuição de custos, não porque tenham qualidade superior”, justifica o secretário-executivo do Sindilat, Darlan Palharini. Para março é aguardada uma nova queda das importações, já que, além do



Alta do custo afeta produção mundial

dólar alto, há a valorização expressiva do produto nos leilões da plataforma Global Dairy Trade (GDT). O dirigente ressalta ainda que os impactos dos pre-

ços do milho e do farelo de soja, utilizados na alimentação animal, começam a ser sentidos em todo o mundo, de modo que produzir lácteos a um custo baixo torna-se cada vez mais difícil. “Esse reajuste de preços provavelmente consiga reverter um quadro que o Brasil vinha enfrentando muito forte de concorrência com as importações no mercado interno”, analisa.

Em 2020, o pico das importações foi percebido entre outubro e dezembro. No período, registrou-se a elevação das aquisições de leite em pó desnatado e leite em pó integral, principalmente. A maior parte do leite importado pelo Brasil nos dois primeiros meses deste ano veio da Argentina (49,3%) e Uruguai (40,2%). Paraguai, Estados Unidos, Nova Zelândia e França também realizaram embarques para o território brasileiro.

FABIANO DO AMARAL / CP MEMÓRIA



CORREIO DO POVO RURAL | 21/3/2021

Lácteos estão entre os produtos com maior potencial para conquistar espaço em mercados fora do Brasil



# CNA aponta caminhos

No Rio Grande do Sul, 70 empreendimentos rurais, na maioria pequenos, contam com a ajuda de um consultor para se habilitarem ao comércio internacional

Há muitos requisitos para que um pequeno empreendedor rural consiga concretizar negociações com o mercado externo. Por esta razão, a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) decidiu colocar consultores para atender individualmente os interessados neste processo em cada Estado. No Rio Grande do Sul, o responsável por este trabalho é Arturo Muttoni, que, em parceria com a Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul), vem orientando empreendimentos em áreas como fruticultura, mel, lácteos, erva-mate e noz-pecã. Muttoni reforça que o processo de exportação não é simples e há necessidade de paciência para atender critérios internacionais. Segundo ele, além das questões burocráticas – caso das inúmeras certificações sanitárias, diferentes para cada destino –, é imperativo um profundo comprometimento com a qualidade e a regularidade na produção, sob pena de fechar mercados ao invés de consolidá-los. “A produção dos empreendimentos não pode estar totalmente comprometida com o mercado nacional, deve haver capacidade para atender os pedidos e a possibilidade de ampliação, inclusive”, adverte.

O consultor explica que desde o início do Programa Agro.BR, em março do ano passado, foram feitas capacitações com os 70 empreendedores rurais gaúchos (a maioria pequenos) inscritos no programa. Entre eles, 20 já participam das rodadas de negócios. Essas capacitações, que ocorrem para os inscritos de todo o país, envolvem conhecer as particularidades de cada mercado, a cultura das nações alvos e os hábitos de consumo. “Em razão da pandemia, a maioria dos eventos foi on-line, o que nos permitiu chegar a um público maior que o imaginado inicialmente”,

diz Muttoni, ao observar que, mesmo estando instalado na federação gaúcha, atende os três estados da Região Sul.

Além dos treinamentos para entendimento do comércio internacional e das barreiras legais a serem vencidas, os participantes do Agro.BR contam com apoio mercadológico. “As empresas que já estão em fase mais adiantada no processo fornecem um portfólio de seus produtos em português, que é traduzido pelo programa para o inglês, o espanhol e o mandarim”, destaca Muttoni. Estes portfólios estarão expostos, a partir de abril, na vitrine do Agro.Br, site em fase de finalização e que tornará disponível para o mundo – como divulgação e não como marketplace – o que pequenos e médios agricultores brasileiros podem oferecer. O consultor acrescenta ainda que é um mito achar que, para conseguir exportar, o pequeno e o médio agricultores terão de lotar sozinhos um contêiner no Porto de Rio Grande. “O envio de cargas pode ser em contêineres compartilhados, via rodoviária para a América Latina ou mesmo por avião, em cargas menores ou para demonstração”, destaca.

O professor de Economia da Universidade do Vale dos Sinos (Unisinos), Marcos Léris, é categórico ao falar dos efeitos que a iniciativa da CNA pode ter sobre a economia nacional, melhorando a distribuição de riquezas e dando impulso para que os pequenos e médios empreendimentos rurais cresçam. “Só fazendo é que esse segmento conseguirá entender o processo e evoluir”, afirma. Léris acredita que os empreendimentos que atingirem o status de exportadores tendem a avançar e ganhar “musculatura” e eficiência, o que favorecerá também a qualificação de seus produtos para atender o mercado interno.

## COOPERATIVAS DÃO ESCALA

De acordo com a superintendente de Relações Internacionais da CNA, Lígia Dutra, o Programa Agro.BR contempla nacionalmente um número significativo de cooperativas, que facilitam o processo exportador, já que ampliam a capacidade produtiva e diluem custos. No Rio Grande do Sul, entre as que participam do Agro.BR estão as cooperativas Apícola do Pampa Gaúcho (Cooapampa), de Apicultores de Ivoti (Cooapi) e Santa Clara, a mais antiga do Estado no segmento de leite e derivados, com mais de 100 anos.

O diretor administrativo e financeiro da Santa Clara e vice-presidente do Sindicato das Indústrias de Laticínios e Derivados do Rio Grande do Sul (Sindilat), Alexandre Guerra, considera a oportunidade dada pela CNA muito valiosa, pois leva o empreendimento do desejo de exportar para a “capacidade de fazer”. Guerra diz que a cooperativa tem participado de todas as capacitações oferecidas pelo Agro.Br, no sentido de aperfeiçoar seus processos e de estar pronta para quando tiver a chance de vender ao exterior. Não há ainda uma data para a primeira exportação, mas o foco da cooperativa é colocar no mundo seus queijos especiais. “Ainda somos importadores de lácteos, mas as oportunidades estão surgindo”, observa o dirigente. Durante sua gestão na presidência do Sindilat, Guerra levantou a bandeira da qualificação do produto brasileiro para atender a demanda crescente de alguns países por lácteos, como é o caso da China.

# Preço do leite deve mudar de sentido em meio à entressafra

*Depois de bater no fundo e estabilizar, o preço do leite tende a mudar o sentido daqui para a frente. A projeção é feita com base na sazonalidade da produção no Rio Grande do Sul. Março e abril são meses da chamada entressafra, quando o volume captado recua em torno de 25%. Habitualmente, essa redução na oferta costuma vir acompanhada da retomada no consumo, que cai nos meses de férias. São fatores que puxam para cima os valores.*

*O valor de referência ao produtor para março está projetado em R\$ 1,3786 pelo Conseleite, conselho paritário que reúne o setor. É a quarta redução mensal seguida, mas já em um patamar de estabilidade – recuou 0,73% sobre o consolidado de fevereiro.*

*– Estamos entrando em um período de entressafra e, nos próximos dias, teremos uma*

*redução mais acentuada da coleta de leite no campo. Isso deve impactar nos preços ao consumidor – projeta Alexandre Guerra, vice-presidente do Sindilat-RS e representante das indústrias no Conseleite.*

*O dirigente explica que, no período de redução da produção, os custos fixos da indústria aumentam, porque é preciso manter a mesma estrutura para processar um volume menor.*

*Tanto indústria quanto produtores apontam a necessidade de fazer frente ao aumento de custos, que têm desequilibrado as contas. Entre os itens de maior peso estão milho, fertilizantes e combustíveis. Outra influência negativa vem da variação cambial, que encarece insumos.*

*A amplitude desses aumentos tem anulado o novo patamar de preços do leite – o valor atual de referência ao produtor é 11,78%*

*maior do que em igual período do ano passado.*

*– Não acompanha os custos. Só o milho subiu 130% e os fertilizante, 25%. A margem do produtor está cada dia mais achatada – observa Eugênio Zanetti, vice-presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura (Fetag-RS).*

*Da mesma forma, Guerra pontua que os laticínios ficaram os dois primeiros meses do ano com prejuízo, por conta do gasto maior no momento em que o consumo arrefeceu:*

*– Dependemos da recuperação para sair do vermelho.*

*O retorno do auxílio emergencial traz a expectativa de efeito positivo, mas de alcance diferente visto que será menor. Com poder de compra reduzido, o consumidor vai focar em produtos que sejam mais em conta.*



# Referência do leite recua 0,73%

Conseleite projeta preço de R\$ 1,3786 para março e prevê período de estabilização

O valor de referência do leite projetado pelo Conselho Paritário Produtores/Indústrias de Leite do Estado (Conseleite) é de R\$ 1,3786 para este mês no Rio Grande do Sul, com variações, para menos, de 0,73% sobre o consolidado de fevereiro (R\$ 1,3887) e, para mais, de 11,78%, sobre o de março de 2020 (R\$ 1,2333). O preço também é o menor desde maio do ano passado, quando o consolidado fechou em R\$ 1,2630. Os dados foram divulgados ontem, em reunião virtual dos integrantes do Conseleite.

Este cenário de retração, no entanto, vinha se desenhando desde setembro, mês do maior valor consolidado de 2020, de R\$ 1,6327. Para o vice-presidente da Fetag, Eugênio Zanetti, há uma situação preocupante que pode levar várias famílias a abandonar a atividade. “A baixa demanda interna ocasionada pelo término do auxílio emergencial e a alta de 25% dos fertilizantes e de 130% dos grãos

nos últimos meses estão reduzindo a lucratividade”, justifica.

O novo coordenador do Conseleite, Alexandre Guerra, lembra que as indústrias também vêm operando sem margem de lucro e entende que agora o preço deve se estabilizar porque a produção está entrando na entressafra, o que deve reduzir a oferta no mercado interno. Ao mesmo tempo, o mercado percebe aumento dos preços internacionais e valorização do dólar, ingredientes que tendem reduzir as importações. “Esperamos que a retomada do auxílio emergencial possa ajudar a elevar esse valor”, acrescenta Guerra.

A reunião também confirmou alterações no regulamento do conselho. A gestão ficará a cargo de um coordenador. O título de presidente utilizado até então fica extinto. Foi aprovada ainda a inclusão no Conseleite da Associação das Pequenas e Médias Indústrias de Laticínios (Apil) e da Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (Fetraf-Sul).

# Valor projetado do leite para março cai 0,73%

Apesar da redução, valor de R\$ 1,3887 está 11,78% acima da média de preços praticados no mesmo período de 2020

O valor de referência do leite projetado para o mês de março no Rio Grande do Sul é de R\$ 1,3786, 0,73% abaixo do consolidado de fevereiro (R\$ 1,3887). Os dados compilados no período de 1º a 10 de março foram divulgados em reunião virtual do Conleite nesta terça-feira (23), data em que Alexandre Guerra assumiu como coordenador do colegiado. Atual vice-presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), Guerra representa as indústrias e segue na gestão ao lado de Rodrigo Rizzo, assessor da Farsul, que agora é vice-coordenador.

“Os números mostram estabilidade no mix comercializado. Estamos entrando em um período de entressafra e, nos próximos dias, teremos uma redução mais acentuada da coleta de leite no campo. Isso deve impac-



Início do período de entressafra deve impactar nos preços finais

tar nos preços ao consumidor”, previu Guerra. Segundo o professor da Universidade de Passo Fundo (UPF) Eduardo Finamore, apesar da redução em março, o valor está 11,78% acima da média do mesmo período de 2020.

“Aparentemente, arrefeceu-se a queda do valor de referência no Rio Grande do Sul”, constatou. A expectativa, explicou o economista, é que o avanço da vacinação contra a Covid-19 garanta a retomada do crescimento econô-

mico. “Estávamos em ciclo de recuperação que foi congelado pela pandemia”, informou. Sobre o leite, ponderou que falta ao Brasil um plano claro de desenvolvimento lastreado na exportação. “A demanda neste ano deve se manter no patamar de 2020, talvez um pouco acima.”

No campo e na indústria, a pressão de custos preocupa. De acordo com Rodrigo Rizzo, a variação cambial traz impacto direto na rentabilidade das propriedades. As indústrias também informam estarem operando sem margem nos últimos meses. “A expectativa é que a retomada do auxílio emergencial pago a famílias de baixa renda ajude, apesar de o valor estar menor e mais restritivo em relação ao concedido em 2020”. Outro agravante na crise do setor lácteo nacional refere-se à importação. Apesar de

os patamares ainda estarem elevados, dados indicam tendência de diminuição das aquisições em função do aumento dos preços internacionais e valorização do dólar, o que torna a produção interna mais competitiva.

Durante a reunião, o Conleite também aprovou seu novo regulamento. Pelo regimento, também ganham cadeiras efetivas no Conleite a Associação das Pequenas e Médias Indústrias de Laticínios do RS (Apil) e a Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul (Fetraf-Sul), passando de 16 para 18 entidades integrantes. Também foi definido que, a partir de agora, a gestão do Conleite ficará a cargo de um coordenador, excluindo-se o título de presidente utilizado até então. Os diretores passarão a ser denominados conselheiros.





**SINDILAT/RS**

Sindicato da Indústria de Laticínios  
do Rio Grande do Sul

## **CLIPPING ONLINE**

Março de 2021

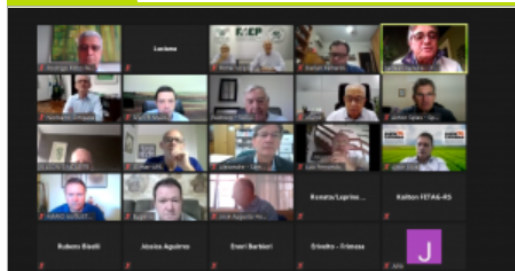
Terça-feira, 09 de março de 2021 - 19h00m

## Eventos &gt; Leite

**RS: coronavírus – Sindilat gaúcho destaca 1ª reunião da Aliança Láctea Sul Brasileira em 2021****Porto Alegre/RS**

A primeira reunião de 2021 da Aliança Láctea Sul Brasileira trouxe à tona os desafios de curto, médio e longo prazo que precisam ser enfrentados pelo setor. Gargalos como a expressiva alta dos custos de produção, a volatilidade nos preços do produto, a organização da cadeia com vistas à conquista de competitividade e a presença no mercado externo, além do enfrentamento de questões voltadas à sanidade animal.

Abrindo a reunião virtual coordenada por Ronei Volpi, o presidente da Farsul, Gedeão Pereira, lembrou que o agronegócio vive um momento favorável, à exceção de alguns setores, como o leite. Segundo ele, os custos elevados vêm pressionando a atividade, sobretudo em função do desabastecimento de milho. Uma das saídas apontadas por ele é reduzir a dependência do setor produtivo pelo cereal. Para isso, a Farsul deve iniciar em breve um estudo que estimule a produção de grãos alternativos no inverno com teor nutritivo adequado (cevada, centeio e triticale, por exemplo) em áreas utilizadas por coberturas verdes. "Essa pode ser uma alternativa à importação de 4 milhões de toneladas de milho pelo Rio Grande do Sul, cujos custos se refletem em outras cadeias também, como a de suínos e a de frangos. No curto prazo não vamos resolver o déficit de milho por meio do plantio", destacou Gedeão. O mesmo cenário deficitário com o milho foi relatado por representantes do Paraná e de Santa Catarina, estado esse que vem se deparando com a necessidade de compra de até 6 milhões de toneladas para dar conta de suas cadeias produtivas.

**Imagens**

**Sympla**

**PORTAL DO TREINAMENTO**  
EDUCAÇÃO EM TI

**"IMPLEMENTAÇÃO DO SISTEMA DE GESTÃO D..."**  
A partir de R\$ 850

COMPRAR

**OFICINA DE CRIAÇÃO MUSICAL 2021. 1**  
A partir de R\$ 385

COMPRAR

O momento delicado pelo qual atravessa o setor lácteo foi confirmado pelo 1º vice-presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat), Alexandre Guerra. "A única certeza que temos é o aumento do custo ao produtor e indústria, com muitos atuando sem margem e outros no negativo", afirmou. De acordo com ele, no front, estão incertezas sobre a sustentação do mercado como reflexo do auxílio emergencial que deve ser liberado em breve, e como será o comportamento do consumidor diante dos novos cenários, além dos novos custos provocados pelo aumento do preço do combustível, que gera inflação para todos os elos da cadeia. Guerra ainda pontuou que o momento pede ações que busquem reduzir a pressão dos custos sobre a cadeia, citando como uma das alternativas, além da importação de produtos ligados à agricultura sem imposto e a taxa de importação, projetos e políticas voltados ao fomento da irrigação.



"Os custos em nível industrial estão absurdos, junto a isso, vemos queda no poder de compra dos consumidores, arrematou Valter Brandalise, do Sindileite (SC). O estado, segundo o secretário da Agricultura, Altair Silva, tem o desafio de buscar no mercado uma quantidade ainda maior de milho neste ano. "Vamos produzir apenas 2 milhões de toneladas, o que exigirá uma compra de 5 milhões de toneladas. De onde sairá tanto milho?", questionou. O secretário entende que, diante do quadro, a Conab deveria focar sua atuação de forma a manter uma pauta comum que atenda às necessidades de abastecimento de todos os estados. Já o secretário da Agricultura do Paraná, Norberto Ortigara, reforçou que além da estiagem, dos custos e da disparada do dólar, o setor ainda concorre com a área de combustíveis, já que 7 milhões de toneladas do cereal são direcionadas para a fabricação de etanol.

O chefe-geral da Embrapa Gado de Leite, Paulo Martins, elencou alguns pontos que precisam ser trabalhados para garantir eficiência, competitividade e resultados. Entre eles está a necessidade de políticas diferenciadas para os diversos níveis de produtores hoje em atuação no país, além de uma política de automação tanto para o produtor como para a indústria. Outro ponto se refere ao conhecimento sobre a qualidade da matéria-prima utilizada. "Há 20 anos o setor lácteo ganhou expressividade nacional em termos de mercado, a qualidade melhorou muito. Há dificuldades de entendimento sobre a importância de políticas para o leite, assim como há dificuldade de haver uma coordenação maior entre as cadeias", destacou Martins, reforçando que o setor é carente de políticas públicas, algo que se perdeu em 1980.

Martins defendeu a ideia de que o setor passe a apostar ainda mais na inovação por meio da entrega de serviços/produtos/tecnologias de startups. "Precisamos colocar os jovens juntos nesse processo, caso contrário, não teremos a velocidade necessária para encontrar as soluções que buscamos", disse. Para Darlan Palharini, secretário-executivo do Sindilat, o setor precisa buscar o equilíbrio para fazer frente a um potente mercado internacional - são cinco países que detêm 90% do mercado de exportação de leite. "Como não há como tributar as importações, o setor deve ir em busca de soluções que garantam esse equilíbrio", disse, referindo-se a aspectos como aumento de produtividade e custo competitivos tanto no mercado doméstico como no mercado internacional.

Já o consultor para a cadeia leiteira Airton Spies lembrou que a volatilidade é algo frequente no preço do leite brasileiro. Em 2020, o preço saiu de R\$ 1,40 o litro em maio para algo próximo a R\$ 2,20 em outubro, uma variação de 53% segundo dados do Cepea. "Os anos anteriores também tiveram a mesma flutuação, onde certamente predominaram margens muito estreitas em boa parte desse período, o que torna a atividade vulnerável a qualquer tipo de planejamento e investimento", disse.

**Fonte:** Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat)

## SINDILAT: Aliança Láctea Sul Brasileira discute saídas para gargalos que pressionam o setor

GIRO DE NOTÍCIAS  
EM 10/03/2021  
4 MIN DE LEITURA



A primeira reunião de 2021 da Aliança Láctea Sul Brasileira trouxe à tona os **desafios de curto, médio e longo prazo que precisam ser enfrentados pelo setor**. Gargalos como a expressiva alta dos custos de produção, a volatilidade nos preços do produto, a organização da cadeia com vistas à conquista de competitividade e a presença no mercado externo, além do enfrentamento de **questões voltadas à sanidade animal**.

Abrindo a reunião virtual coordenada por Ronei Volpi, o presidente da Farsul, Gedeão Pereira, lembrou que o **agronegócio vive um momento favorável**, à exceção de alguns setores, como o leite. Segundo ele, os custos elevados vêm pressionando a atividade, sobretudo em função do desabastecimento de milho. Uma das saídas apontadas por ele é **reduzir a dependência do setor produtivo pelo cereal**.

Para isso, a Farsul deve iniciar em breve um estudo que **estimule a produção de grãos alternativos** no inverno com teor nutritivo adequado (cevada, centeio e triticale, por exemplo) em áreas utilizadas por coberturas verdes. “Essa pode ser uma alternativa à importação de 4 milhões de toneladas de milho pelo Rio Grande do Sul, cujos custos se refletem em outras cadeias também, como a de suínos e a de frangos.

No curto prazo não vamos resolver o déficit de milho por meio do plantio”, destacou Gedeão. O mesmo **cenário deficitário com o milho** foi relatado por representantes do Paraná e de Santa Catarina, estado esse que vem se deparando com a necessidade de compra de até 6 milhões de toneladas para dar conta de suas cadeias produtivas.

O **momento delicado pelo qual atravessa o setor lácteo** foi confirmado pelo 1º vice-presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat), Alexandre Guerra. “A única certeza que temos é o aumento do custo ao produtor e indústria, com muitos atuando sem margem e outros no negativo”, afirmou.

De acordo com ele, no front, estão **incertezas sobre a sustentação do mercado como reflexo do auxílio emergencial que deve ser liberado em breve**, e como será o comportamento do consumidor diante dos novos cenários, além dos novos custos provocados pelo aumento do preço do combustível, que gera inflação para todos os elos da cadeia.



Guerra ainda pontuou que o momento pede **ações que busquem reduzir a pressão dos custos sobre a cadeia**, citando como uma das alternativas, além da importação de produtos ligados à agricultura sem imposto e a taxa de importação, projetos e políticas voltados ao fomento da irrigação.

"Os custos em nível industrial estão absurdos, junto a isso, vemos queda no poder de compra dos consumidores", arrematou Valter Brandalise, do Sindileite (SC). O estado, segundo o secretário da Agricultura, Altair Silva, tem o desafio de buscar no mercado uma quantidade ainda maior de milho neste ano.

"Vamos produzir apenas 2 milhões de toneladas, o que exigirá uma compra de 5 milhões de toneladas. De onde sairá tanto milho?", questionou. O secretário entende que, diante do quadro, a Conab deveria focar sua atuação de forma a **manter uma pauta comum que atenda às necessidades de abastecimento de todos os estados**.

Já o secretário da Agricultura do Paraná, Norberto Ortigara, reforçou que além da estiagem, dos custos e da disparada do dólar, **o setor ainda concorre com a área de combustíveis**, já que 7 milhões de toneladas do cereal são direcionadas para a fabricação de etanol.

O chefe-geral da Embrapa Gado de Leite, Paulo Martins, elencou alguns **pontos que precisam ser trabalhados para garantir eficiência**, competitividade e resultados.

Entre eles está a **necessidade de políticas diferenciadas** para os diversos níveis de produtores hoje em atuação no país, além de uma política de automação tanto para o produtor como para a indústria. Outro ponto se refere ao conhecimento sobre a qualidade da matéria-prima utilizada.

"Há 20 anos o **setor lácteo ganhou expressividade nacional** em termos de mercado, a qualidade melhorou muito. Há dificuldades de entendimento sobre a importância de políticas para o leite, assim como há dificuldade de haver uma coordenação maior entre as cadeias", destacou Martins, reforçando que o setor é carente de políticas públicas, algo que se perdeu em 1980.

Martins defendeu a ideia de que o **setor passe a apostar ainda mais na inovação** por meio da entrega de serviços/produtos/tecnologias de startups. "Precisamos colocar os jovens juntos nesse processo, caso contrário, não teremos a velocidade necessária para encontrar as soluções que buscamos", disse.

Para Darlan Palharini, secretário-executivo do Sindilat, o **setor precisa buscar o equilíbrio para fazer frente a um potente mercado internacional** - são cinco países que detêm 90% do mercado de exportação de leite. "Como não há como tributar as importações, o setor deve ir em busca de soluções que garantam esse equilíbrio", disse, referindo-se a aspectos como aumento de produtividade e custo competitivos tanto no mercado doméstico como no mercado internacional.

Já o consultor para a cadeia leiteira Airton Spies lembrou que a volatilidade é algo frequente no preço do leite brasileiro. Em 2020, o preço saiu de R\$ 1,40 o litro em maio para algo próximo a R\$ 2,20 em outubro, uma variação de 53% segundo dados do CEPEA. "Os anos anteriores também tiveram a mesma flutuação, onde certamente predominaram margens muito estreitas em boa parte desse período, o que torna a atividade vulnerável a qualquer tipo de planejamento e investimento", disse.

As informações são da Assessoria de imprensa da SINDILAT.

## SINDILAT: Aliança Láctea Sul Brasileira discute saídas para gargalos que pressionam o setor neste início de ano

Publicado em 10/03/2021 07:50

146 exibições



A primeira reunião de 2021 da Aliança Láctea Sul Brasileira trouxe à tona os desafios de curto, médio e longo prazo que precisam ser enfrentados pelo setor. Gargalos como a expressiva alta dos custos de produção, a volatilidade nos preços do produto, a organização da cadeia com vistas à conquista de competitividade e a presença no mercado externo, além do enfrentamento de questões voltadas à sanidade animal.

Abrindo a reunião virtual coordenada por Ronei Volpi, o presidente da Farsul, Gedeão Pereira, lembrou que o agronegócio vive um momento favorável, à exceção de alguns setores, como o leite.

Segundo ele, os custos elevados vêm pressionando a atividade, sobretudo em função do desabastecimento de milho. Uma das saídas apontadas por ele é reduzir a dependência do setor produtivo pelo cereal. Para isso, a Farsul deve iniciar em breve um estudo que estimule a produção de grãos alternativos no inverno com teor nutritivo adequado (cevada, centeio e triticale, por exemplo) em áreas utilizadas por coberturas verdes. “Essa pode ser uma alternativa à importação de 4 milhões de toneladas de milho pelo Rio Grande do Sul, cujos custos se refletem em outras cadeias também, como a de suínos e a de frangos. No curto prazo não vamos resolver o déficit de milho por meio do plantio”, destacou Gedeão. O mesmo cenário deficitário com o milho foi relatado por representantes do Paraná e de Santa Catarina, estado esse que vem se deparando com a necessidade de compra de até 6 milhões de toneladas para dar conta de suas cadeias produtivas.

O momento delicado pelo qual atravessa o setor lácteo foi confirmado pelo 1º vice-presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat), Alexandre Guerra. “A única certeza que temos é o aumento do custo ao produtor e indústria, com muitos atuando sem margem e outros no negativo”, afirmou. De acordo com ele, no front, estão incertezas sobre a sustentação do mercado como reflexo do auxílio emergencial que deve ser liberado em breve, e como será o comportamento do consumidor diante dos novos cenários, além dos novos custos provocados pelo aumento do preço do combustível, que gera inflação para todos os elos da cadeia. Guerra ainda pontuou que o momento pede ações que busquem reduzir a pressão dos custos sobre a cadeia, citando como uma das alternativas, além da importação de produtos ligados à agricultura sem imposto e a taxa de importação, projetos e políticas voltados ao fomento da irrigação.

“Os custos em nível industrial estão absurdos, junto a isso, vemos queda no poder de compra dos consumidores”, arrematou Valter Brandalise, do Sindileite (SC). O estado, segundo o secretário da Agricultura, Altair Silva, tem o desafio de buscar no mercado uma quantidade ainda maior de milho neste ano. “Vamos produzir apenas 2 milhões de toneladas, o que exigirá uma compra de 5 milhões de toneladas. De onde sairá tanto milho?”, questionou. O secretário entende que, diante do quadro, a Conab deveria focar sua atuação de forma a manter uma pauta comum que atenda às necessidades de abastecimento de todos os estados. Já o secretário da Agricultura do Paraná, Norberto Ortigara, reforçou que além da estiagem, dos custos e da disparada do dólar, o setor ainda concorre com a área de combustíveis, já que 7 milhões de toneladas do cereal são direcionadas para a fabricação de etanol.

O chefe-geral da Embrapa Gado de Leite, Paulo Martins, elencou alguns pontos que precisam ser trabalhados para garantir eficiência, competitividade e resultados. Entre eles está a necessidade de políticas diferenciadas para os diversos níveis de produtores hoje em atuação no país, além de uma política de automação tanto para o produtor como para a indústria. Outro ponto se refere ao conhecimento sobre a qualidade da matéria-prima utilizada. “Há 20 anos o setor lácteo ganhou expressividade nacional em termos de mercado, a qualidade melhorou muito. Há dificuldades de entendimento sobre a importância de políticas para o leite, assim como há dificuldade de haver uma coordenação maior entre as cadeias”, destacou Martins, reforçando que o setor é carente de políticas públicas, algo que se perdeu em 1980.

Martins defendeu a ideia de que o setor passe a apostar ainda mais na inovação por meio da entrega de serviços/produtos/tecnologias de startups. “Precisamos colocar os jovens juntos nesse processo, caso contrário, não teremos a velocidade necessária para encontrar as soluções que buscamos”, disse. Para Darlan Palharini, secretário-executivo do Sindilat, o setor precisa buscar o equilíbrio para fazer frente a um potente mercado internacional - são cinco países que detêm 90% do mercado de exportação de leite. “Como não há como tributar as importações, o setor deve ir em busca de soluções que garantam esse equilíbrio”, disse, referindo-se a aspectos como aumento de produtividade e custo competitivos tanto no mercado doméstico como no mercado internacional.

Já o consultor para a cadeia leiteira Airton Spies lembrou que a volatilidade é algo frequente no preço do leite brasileiro. Em 2020, o preço saiu de R\$ 1,40 o litro em maio para algo próximo a R\$ 2,20 em outubro, uma variação de 53% segundo dados do CEPEA. “Os anos anteriores também tiveram a mesma flutuação, onde certamente predominaram margens muito estreitas em boa parte desse período, o que torna a atividade vulnerável a qualquer tipo de planejamento e investimento”, disse.



## Aliança Láctea Sul Brasileira busca saídas para superar gargalos do setor

📅 10 de março de 2021 📍 Agricultura, agronegócio, aliança lactea sul brasileira, cadeia láctea, crise no setor leiteiro, Farsul, laticínios, produtores de leite, setor leiteiro

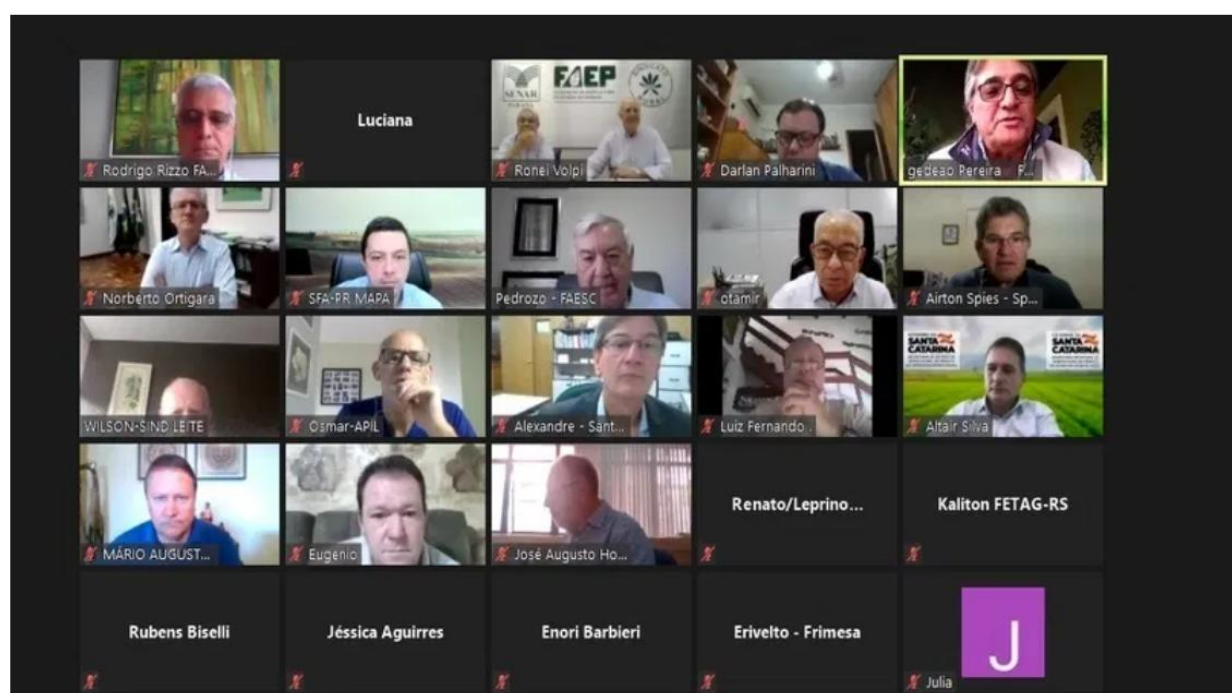
A primeira reunião de 2021 da Aliança Láctea Sul Brasileira discutiu os desafios que precisam ser enfrentados pelo setor em curto, médio e longo prazos. Gargalos como a expressiva alta dos custos de produção, a volatilidade nos preços do produto, a organização da cadeia para conquista de competitividade e a presença no mercado externo, além do enfrentamento de questões voltadas à sanidade animal, dominaram os debates.

Na abertura da reunião virtual, coordenada por Ronei Volpi, o presidente da Farsul, Gedeão Pereira, lembrou que o agronegócio vive um momento favorável, à exceção de alguns setores, como o leite. Segundo ele, os custos elevados vêm pressionando a atividade, sobretudo em função do desabastecimento de milho.

Uma das saídas apontadas por Gedeão é reduzir a dependência do setor produtivo pelo cereal. Para tanto, a Farsul deve iniciar em breve um estudo que estimule a produção de grãos alternativos no inverno, com teor nutritivo adequado (cevada, centeio e triticale, por exemplo) em áreas utilizadas por coberturas verdes.

“Essa pode ser uma alternativa à importação de 4 milhões de toneladas de milho pelo Rio Grande do Sul, cujos custos se refletem em outras cadeias também, como a de suínos e a de frangos. Em curto prazo, não vamos resolver o déficit de milho por meio do plantio”, assinalou Gedeão.

O mesmo cenário deficitário com o milho foi relatado por representantes do Paraná e de Santa Catarina – este estado precisa comprar até 6 milhões de toneladas para atender as suas cadeias produtivas.



Reunião virtual da Aliança Láctea Sul Brasileira – Reprodução



## Momento delicado

O momento delicado pelo qual atravessa o setor lácteo também foi citado pelo 1º vice-presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat), Alexandre Guerra. “A única certeza que temos é o aumento do custo ao produtor e à indústria, com muitos atuando sem margem e outros no negativo.”

No front, observou Guerra, estão incertezas sobre a sustentação do mercado como reflexo do auxílio emergencial que deve ser liberado em breve e como será o comportamento do consumidor diante dos novos cenários, além dos novos custos provocados pelo aumento do preço do combustível, que gera inflação para todos os elos da cadeia.

Guerra pontuou ainda que o momento pede ações que busquem reduzir a pressão dos custos sobre a cadeia, citando como uma das alternativas, além da importação de produtos ligados à agricultura sem imposto e a taxa de importação, projetos e políticas voltados ao fomento da irrigação.

“Os custos em nível industrial estão absurdos e vemos queda no poder de compra dos consumidores”, acrescentou Valter Brandalise, do Sindileite/SC.

Conforme o secretário da Agricultura de Santa Catarina, Altair Silva, o estado tem o desafio de buscar no mercado uma quantidade ainda maior de milho neste ano. “Vamos produzir apenas 2 milhões de toneladas, o que exigirá uma compra de 5 milhões de toneladas. De onde sairá tanto milho?”, questionou.

O secretário entende que, diante desse quadro, a Conab deveria focar sua atuação de forma a manter uma pauta comum que atenda às necessidades de abastecimento de todos os estados.

Já o secretário da Agricultura do Paraná, Norberto Ortigara, reforçou que além da estiagem, dos custos e da disparada do dólar, o setor ainda concorre com a área de combustíveis, já que 7 milhões de toneladas do cereal são direcionadas para a fabricação de etanol.

## Políticas diferenciadas

O chefe-geral da Embrapa Gado de Leite, Paulo Martins, elencou alguns pontos que precisam ser trabalhados para garantir eficiência, competitividade e resultados. Entre eles, está a necessidade de políticas diferenciadas para os diversos níveis de produtores hoje em atuação no país, além de uma política de automação tanto para o produtor como para a indústria.

Outro ponto se refere ao conhecimento sobre a qualidade da matéria-prima utilizada. “Há 20 anos, o setor lácteo ganhou expressividade nacional em termos de mercado, a qualidade melhorou muito. Há dificuldades de entendimento sobre a importância de políticas para o leite, assim como há dificuldade de haver uma coordenação maior entre as cadeias”, destacou Martins, reforçando que o setor é carente de políticas públicas, algo que se perdeu em 1980.

Martins defendeu a ideia de que o setor passe a apostar ainda mais na inovação por meio da entrega de serviços/produtos/tecnologias de startups. “Precisamos colocar os jovens juntos nesse processo. Caso contrário, não teremos a velocidade necessária para encontrar as soluções que buscamos”, disse.

Para Darlan Palharini, secretário-executivo do Sindilat, o setor precisa buscar o equilíbrio para fazer frente a um potente mercado internacional – são cinco países que detêm 90% do mercado de exportação de leite.

“Como não há como tributar as importações, o setor deve ir em busca de soluções que garantam esse equilíbrio”, enfatizou Palharini, referindo-se a aspectos como aumento de produtividade e custo competitivos tanto no mercado doméstico como no mercado internacional.

Já o consultor para a cadeia leiteira Airton Spies lembrou que a volatilidade é algo frequente no preço do leite brasileiro. Em 2020, o preço saiu de R\$ 1,40 o litro em maio para algo próximo a R\$ 2,20 em outubro, uma variação de 53% segundo dados do CEPEA. “Os anos anteriores também tiveram a mesma flutuação, onde certamente predominaram margens muito estreitas em boa parte desse período, o que torna a atividade vulnerável a qualquer tipo de planejamento e investimento”, pontuou.

### **Produtor questiona alternativas**

Uma das lideranças do movimento Construindo Leite Brasil, o produtor gaúcho Joel Dalcin acha que as soluções discutidas pela Aliança Láctea Sul Brasileira são insuficientes para superar a crise no setor.

“A elite buscando soluções! Que gente! Que vergonha! Sempre o mesmo discurso: o produtor tem que se reinventar, buscar alternativas. De que jeito? Se a soja e o milho sobem, sobe tudo.”

Para ele, as sugestões apresentadas para substituir o milho, como cevada, centeio e triticale, não servem. “As alternativas não têm a mesma qualidade e níveis nutricionais. Além disso, os preços desses grãos também aumentam.”

Na avaliação de Joel Dalcin, o produtor não tem como escapar desse aumento de despesas. “Fertilizantes, combustíveis e sementes tiveram aumentos.”

O produtor gaúcho não vê novidades nas propostas apresentadas. “Entristece ver que tem uma elite supostamente desenvolvida sempre com a mesma conversa. Está na hora de a gente acordar para a realidade. Acordem antes que seja tarde. Enquanto isso, o produtor está sempre carregando nas costas o resultado da falta de estruturação do setor.”

## Aliança Láctea Sul Brasileira discute saídas para gargalos que pressionam o setor

10-03-2021 10:16:42 Por: Sindilat



A primeira reunião de 2021 da **Aliança Láctea Sul Brasileira** trouxe à tona os desafios de curto, médio e longo prazo que precisam ser enfrentados pelo setor. Gargalos como a expressiva alta dos custos de produção, a volatilidade nos preços do produto, a organização da cadeia com vistas à conquista de competitividade e a presença no mercado externo, além do enfrentamento de questões voltadas à sanidade animal.

Abrindo a reunião virtual coordenada por Ronei Volpi, o presidente da Farsul, Gedeão Pereira, lembrou que o agronegócio vive um momento favorável, à exceção de alguns

setores, como o leite. Segundo ele, os custos elevados vêm pressionando a atividade, sobretudo em função do desabastecimento de milho. Uma das saídas apontadas por ele é reduzir a dependência do setor produtivo pelo cereal. Para isso, a Farsul deve iniciar em breve um estudo que estimule a produção de grãos alternativos no inverno com teor nutritivo adequado (cevada, centeio e triticale, por exemplo) em áreas utilizadas por coberturas verdes. “Essa pode ser uma alternativa à importação de 4 milhões de toneladas de milho pelo Rio Grande do Sul, cujos custos se refletem em outras cadeias também, como a de suínos e a de frangos. No curto prazo não vamos resolver o déficit de milho por meio do plantio”, destacou Gedeão. O mesmo cenário deficitário com o milho foi relatado por representantes do Paraná e de Santa Catarina, estado esse que vem se deparando com a necessidade de compra de até 6 milhões de toneladas para dar conta de suas cadeias produtivas.

**> Fermento para Mussarela BV ND PC**

O momento delicado pelo qual atravessa o **setor lácteo** foi confirmado pelo 1º vice-presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat), Alexandre Guerra. “A única certeza que temos é o aumento do custo ao produtor e indústria, com muitos atuando sem margem e outros no negativo”, afirmou. De acordo com ele, no front estão incertezas sobre a sustentação do mercado como reflexo do auxílio emergencial que deve ser liberado em breve, e como será o comportamento do consumidor diante dos novos cenários, além dos novos custos provocados pelo aumento do preço do combustível, que gera inflação para todos os elos da cadeia. Ele ainda pontuou que o momento pede ações que busquem reduzir a pressão dos custos sobre a cadeia, citando como alternativas, além da importação de produtos ligados à agricultura sem imposto e a taxa de importação, projetos e políticas voltados ao fomento da irrigação.

“Os custos em nível industrial estão absurdos, junto a isso, vemos queda no poder de compra dos consumidores”, arrematou Valter Brandalise, do Sindileite (SC). O estado, segundo o secretário da Agricultura, Altair Silva, tem o desafio de buscar no mercado uma quantidade ainda maior de milho neste ano. “Vamos produzir apenas 2 milhões de toneladas, o que exigirá uma compra de 5 milhões de toneladas. De onde sairá tanto milho?”, questionou. O secretário entende que, diante do quadro, a Conab deveria focar sua atuação de forma a manter uma pauta comum que atenda às necessidades de abastecimento de todos os estados. Já o secretário da Agricultura do Paraná, Norberto Ortigara, reforçou que além da estiagem, dos custos e da disparada do dólar, o setor ainda concorre com a área de combustíveis, já que 7 milhões de toneladas do cereal são direcionadas para a fabricação de etanol.

#### > **Silo Isotérmico para Leite e Soro para até 200.000 Litros**

O chefe-geral da Embrapa Gado de Leite, Paulo Martins, elencou alguns pontos que precisam ser trabalhados para garantir eficiência, competitividade e resultados. Entre eles está a necessidade de políticas diferenciadas para os diversos níveis de produtores hoje em atuação no país, além de uma política de automação tanto para o produtor como para a indústria. Outro ponto se refere ao conhecimento sobre a qualidade da matéria-prima utilizada. “Há 20 anos o setor lácteo ganhou expressividade nacional em termos de mercado, a qualidade melhorou muito. Há dificuldades de entendimento sobre a importância de políticas para o leite, assim como há dificuldade de haver uma coordenação maior entre as cadeias”, destacou Martins, reforçando que o setor é carente de políticas públicas, algo que se perdeu em 1980.

Martins defendeu a ideia de que o setor passe a apostar ainda mais na inovação por meio da entrega de serviços/produtos/tecnologias de startups. “Precisamos colocar os jovens juntos nesse processo, caso contrário, não teremos a velocidade necessária para encontrar as soluções que buscamos”, disse. Para Darlan Palharini, secretário-executivo do Sindilat, o setor precisa buscar o equilíbrio para fazer frente a um potente mercado internacional - são cinco países que detêm 90% do mercado de exportação de leite. “Como não há como **tributar as importações**, o setor deve ir em busca de soluções que garantam esse equilíbrio”, disse, referindo-se a aspectos como aumento de produtividade e custo competitivos tanto no mercado doméstico como no mercado internacional.

#### > **Silo Horizontal para Leite com Capacidade para até 20.000 Litros**

Já o consultor para a cadeia leiteira Airtton Spies lembrou que a volatilidade é algo frequente no preço do leite brasileiro. Em 2020, o preço saiu de R\$ 1,40 o litro em maio para algo próximo a R\$ 2,20 em outubro, uma variação de 53% segundo dados do CEPEA. “Os anos anteriores também tiveram a mesma flutuação, onde certamente predominaram margens muito estreitas em boa parte desse período, o que torna a atividade vulnerável a qualquer tipo de planejamento e investimento”, disse.

As informações são da Assessoria de Imprensa Sindilat.



## Aliança Láctea Sul Brasileira discute saídas para gargalos que pressionam o setor neste início de ano

10/03/2021



Fonte: Sindilat / Foto: Divulgação

A primeira reunião de 2021 da Aliança Láctea Sul Brasileira trouxe à tona os desafios de curto, médio e longo prazo que precisam ser enfrentados pelo setor. Gargalos como a expressiva alta dos custos de produção, a volatilidade nos preços do produto, a organização da cadeia com vistas à conquista de competitividade e a presença no mercado externo, além do enfrentamento de questões voltadas à sanidade animal.

Abrindo a reunião virtual coordenada por Ronei Volpi, o presidente da Farsul, Gedeão Pereira, lembrou que o agronegócio vive um momento favorável, à exceção de alguns setores, como o leite. Segundo ele, os custos elevados vêm pressionando a atividade, sobretudo em função do desabastecimento de milho. Uma das saídas apontadas por ele é reduzir a dependência do setor produtivo pelo cereal. Para isso, a Farsul deve iniciar em breve um estudo que estimule a produção de grãos alternativos no inverno com teor nutritivo adequado (cevada, centeio e triticale, por exemplo) em áreas utilizadas por coberturas verdes. "Essa pode ser uma alternativa à importação de 4 milhões de toneladas de milho pelo Rio Grande do Sul, cujos custos se refletem em outras cadeias também, como a de suínos e a de frangos. No curto prazo não vamos resolver o déficit de milho por meio do plantio", destacou Gedeão. O mesmo cenário deficitário com o milho foi relatado por representantes do Paraná e de Santa Catarina, estado esse que vem se deparando com a necessidade de compra de até 6 milhões de toneladas para dar conta de suas cadeias produtivas.

O momento delicado pelo qual atravessa o setor lácteo foi confirmado pelo 1º vice-presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat), Alexandre Guerra. "A única certeza que temos é o aumento do custo ao produtor e indústria, com muitos atuando sem margem e outros no negativo", afirmou. De acordo com ele, no front, estão incertezas sobre a sustentação do mercado como reflexo do auxílio emergencial que deve ser liberado em breve, e como será o comportamento do consumidor diante dos novos cenários, além dos novos custos provocados pelo aumento do preço do combustível, que gera inflação para todos os elos da cadeia. Guerra ainda pontuou que o momento pede ações que busquem reduzir a pressão dos custos sobre a cadeia, citando como uma das alternativas, além da importação de produtos ligados à agricultura sem imposto e a taxa de importação, projetos e políticas voltados ao fomento da irrigação.

"Os custos em nível industrial estão absurdos, junto a isso, vemos queda no poder de compra dos consumidores", arrematou Valter Brandalise, do Sindileite (SC). O estado, segundo o secretário da Agricultura, Altair Silva, tem o desafio de buscar no mercado uma quantidade ainda maior de milho neste ano. "Vamos produzir apenas 2 milhões de toneladas, o que exigirá uma compra de 5 milhões de toneladas. De onde sairá tanto milho?", questionou. O secretário entende que, diante do quadro, a Conab deveria focar sua atuação de forma a manter uma pauta comum que atenda às necessidades de abastecimento de todos os estados. Já o secretário da Agricultura do Paraná, Norberto Ortigara, reforçou que além da estiagem, dos custos e da disparada do dólar, o setor ainda concorre com a área de combustíveis, já que 7 milhões de toneladas do cereal são direcionadas para a fabricação de etanol.

O chefe-geral da Embrapa Gado de Leite, Paulo Martins, elencou alguns pontos que precisam ser trabalhados para garantir eficiência, competitividade e resultados. Entre eles está a necessidade de políticas diferenciadas para os diversos níveis de produtores hoje em atuação no país, além de uma política de automação tanto para o produtor como para a indústria. Outro ponto se refere ao conhecimento sobre a qualidade da matéria-prima utilizada. "Há 20 anos o setor lácteo ganhou expressividade nacional em termos de mercado, a qualidade melhorou muito. Há dificuldades de entendimento sobre a importância de políticas para o leite, assim como há dificuldade de haver uma coordenação maior entre as cadeias", destacou Martins, reforçando que o setor é carente de políticas públicas, algo que se perdeu em 1980.

Martins defendeu a ideia de que o setor passe a apostar ainda mais na inovação por meio da entrega de serviços/produtos/tecnologias de startups. "Precisamos colocar os jovens juntos nesse processo, caso contrário, não teremos a velocidade necessária para encontrar as soluções que buscamos", disse. Para Darlan Palharini, secretário-executivo do Sindilat, o setor precisa buscar o equilíbrio para fazer frente a um potente mercado internacional - são cinco países que detêm 90% do mercado de exportação de leite. "Como não há como tributar as importações, o setor deve ir em busca de soluções que garantam esse equilíbrio", disse, referindo-se a aspectos como aumento de produtividade e custo competitivos tanto no mercado doméstico como no mercado internacional.

Já o consultor para a cadeia leiteira Ailton Spies lembrou que a volatilidade é algo frequente no preço do leite brasileiro. Em 2020, o preço saiu de R\$ 1,40 o litro em maio para algo próximo a R\$ 2,20 em outubro, uma variação de 53% segundo dados do CEPEA. "Os anos anteriores também tiveram a mesma flutuação, onde certamente predominaram margens muito estreitas em boa parte desse período, o que torna a atividade vulnerável a qualquer tipo de planejamento e investimento", disse.

**Fonte:** Sindilat

**Veículo:** Edairy News

**Link:** <https://edairynews.com/br/alianca-lactea-sul-brasileira-discute-saidas-para-gargalos-que-pressionam-o-setor-neste-inicio-de-ano-71669/>

**Página:** Notícias

**Data:** 10/03/2021

## LEITE | ALIANÇA LÁCTEA SUL BRASILEIRA DISCUTE SAÍDAS PARA GARGALOS QUE PRESSIONAM O SETOR NESTE INÍCIO DE ANO



A primeira reunião de 2021 da Aliança Láctea Sul Brasileira trouxe à tona os desafios de curto, médio e longo prazo que precisam ser enfrentados pelo setor.

A Primeira Reunião De 2021 Da Aliança Láctea Sul Brasileira Trouxe À Tona Os Desafios De Curto, Médio E Longo Prazo Que Precisam Ser Enfrentados Pelo Setor. Gargalos Como A Expressiva Alta Dos Custos De Produção, A Volatilidade Nos Preços Do Produto, A Organização Da Cadeia Com Vistas À Conquista De Competitividade E A Presença No Mercado Externo, Além Do Enfrentamento De Questões Voltadas À Sanidade Animal.

Abrindo a reunião virtual coordenada por Ronei Volpi, o presidente da Farsul, Gedeão Pereira, lembrou que o agronegócio vive um momento favorável, à exceção de alguns setores, como o leite. Segundo ele, os custos elevados vêm pressionando a atividade, sobretudo em função do desabastecimento de milho. Uma das saídas apontadas por ele é reduzir a dependência do setor produtivo pelo cereal. Para isso, a Farsul deve iniciar em breve um estudo que estimule a produção de grãos alternativos no inverno com teor nutritivo adequado (cevada, centeio e triticale, por exemplo) em áreas utilizadas por coberturas verdes. “Essa pode ser uma alternativa à importação de 4 milhões de toneladas de milho pelo Rio Grande do Sul, cujos custos se refletem em outras cadeias também, como a de suínos e a de frangos. No curto prazo não vamos resolver o déficit de milho por meio do plantio”, destacou Gedeão. O mesmo cenário deficitário com o milho foi relatado por representantes do Paraná e de Santa Catarina, estado esse que vem se deparando com a necessidade de compra de até 6 milhões de toneladas para dar conta de suas cadeias produtivas.

O momento delicado pelo qual atravessa o setor lácteo foi confirmado pelo 1º vice-presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat), Alexandre Guerra. “A única certeza que temos é o aumento do custo ao produtor e indústria, com muitos atuando sem margem e outros no negativo”, afirmou. De acordo com ele, no front, estão incertezas sobre a sustentação do mercado como reflexo do auxílio emergencial que deve ser liberado em breve, e como será o comportamento do consumidor diante dos novos cenários, além dos novos custos provocados pelo aumento do preço do combustível, que gera inflação para todos os elos da cadeia. Guerra ainda pontuou que o momento pede ações que busquem reduzir a pressão dos custos sobre a cadeia, citando como uma das alternativas, além da importação de produtos ligados à agricultura sem imposto e a taxa de importação, projetos e políticas voltados ao fomento da irrigação.

“Os custos em nível industrial estão absurdos, junto a isso, vemos queda no poder de compra dos consumidores», arrematou Valter Brandalise, do Sindileite (SC). O estado, segundo o secretário da Agricultura, Altair Silva, tem o desafio de buscar no mercado uma quantidade ainda maior de milho neste ano. “Vamos produzir apenas 2 milhões de toneladas, o que exigirá uma compra de 5 milhões de toneladas. De onde sairá tanto milho?”, questionou. O secretário entende que, diante do quadro, a Conab deveria focar sua atuação de forma a manter uma pauta comum que atenda às necessidades de abastecimento de todos os estados. Já o secretário da Agricultura do Paraná, Norberto Ortigara, reforçou que além da estiagem, dos custos e da disparada do dólar, o setor ainda concorre com a área de combustíveis, já que 7 milhões de toneladas do cereal são direcionadas para a fabricação de etanol.

O chefe-geral da Embrapa Gado de Leite, Paulo Martins, elencou alguns pontos que precisam ser trabalhados para garantir eficiência, competitividade e resultados. Entre eles está a necessidade de políticas diferenciadas para os diversos níveis de produtores hoje em atuação no país, além de uma política de automação tanto para o produtor como para a indústria. Outro ponto se refere ao conhecimento sobre a qualidade da matéria-prima utilizada. “Há 20 anos o setor lácteo ganhou expressividade nacional em termos de mercado, a qualidade melhorou muito. Há dificuldades de entendimento sobre a importância de políticas para o leite, assim como há dificuldade de haver uma coordenação maior entre as cadeias”, destacou Martins, reforçando que o setor é carente de políticas públicas, algo que se perdeu em 1980.

Martins defendeu a ideia de que o setor passe a apostar ainda mais na inovação por meio da entrega de serviços/produtos/tecnologias de startups. “Precisamos colocar os jovens juntos nesse processo, caso contrário, não teremos a velocidade necessária para encontrar as soluções que buscamos”, disse. Para Darlan Palharini, secretário-executivo do Sindilat, o setor precisa buscar o equilíbrio para fazer frente a um potente mercado internacional – são cinco países que detêm 90% do mercado de exportação de leite. “Como não há como tributar as importações, o setor deve ir em busca de soluções que garantam esse equilíbrio», disse, referindo-se a aspectos como aumento de produtividade e custo competitivos tanto no mercado doméstico como no mercado internacional.

Já o consultor para a cadeia leiteira Airtton Spies lembrou que a volatilidade é algo frequente no preço do leite brasileiro. Em 2020, o preço saiu de R\$ 1,40 o litro em maio para algo próximo a R\$ 2,20 em outubro, uma variação de 53% segundo dados do CEPEA. «Os anos anteriores também tiveram a mesma flutuação, onde certamente predominaram margens muito estreitas em boa parte desse período, o que torna a atividade vulnerável a qualquer tipo de planejamento e investimento», disse.



# Aliança Láctea Sul Brasileira discute saídas para gargalos

Assuntos como a expressiva alta dos custos de produção foram debatidos

Publicado por **Sandro Favero** - 10/03/2021 - 10:00

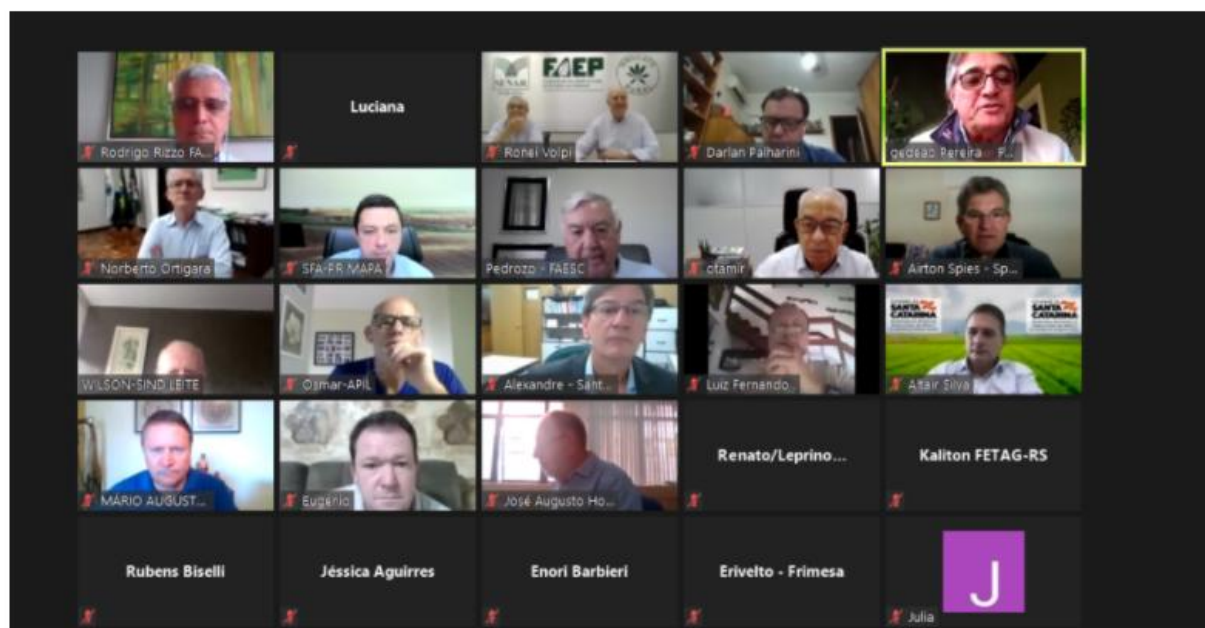


Foto: divulgação

A primeira reunião de 2021 da Aliança Láctea Sul Brasileira trouxe à tona os desafios de curto, médio e longo prazo que precisam ser enfrentados pelo setor. Gargalos como a expressiva alta dos custos de produção, a volatilidade nos preços do produto, a organização da cadeia com vistas à conquista de competitividade e a presença no mercado externo, além do enfrentamento de questões voltadas à sanidade animal.

Abrindo a reunião virtual coordenada por Ronei Volpi, o presidente da Farsul, Gedeão Pereira, lembrou que o agronegócio vive um momento favorável, à exceção de alguns setores, como o leite. Segundo ele, os custos elevados vêm pressionando a atividade, sobretudo em função do desabastecimento de milho. Uma das saídas apontadas por ele é reduzir a dependência do setor produtivo pelo cereal. Para isso, a Farsul deve iniciar em breve um estudo que estimule a produção de grãos alternativos no inverno com teor nutritivo adequado (cevada, centeio e triticale, por exemplo) em áreas utilizadas por coberturas verdes. "Essa pode ser uma alternativa à importação de 4 milhões de toneladas de milho pelo Rio Grande do Sul, cujos custos se refletem em outras cadeias também, como a de suínos e a de frangos. No curto prazo não vamos resolver o déficit de milho por meio do plantio", destacou Gedeão. O mesmo cenário deficitário com o milho foi relatado por representantes do Paraná e de Santa Catarina, estado esse que vem se deparando com a necessidade de compra de até 6 milhões de toneladas para dar conta de suas cadeias produtivas.

O momento delicado pelo qual atravessa o setor lácteo foi confirmado pelo 1º vice-presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat), Alexandre Guerra. "A única certeza que temos é o aumento do custo ao produtor e indústria, com muitos atuando sem margem e outros no negativo", afirmou. De acordo com ele, no front, estão incertezas sobre a sustentação do mercado como reflexo do auxílio emergencial que deve ser liberado em breve, e como será o comportamento do consumidor diante dos novos cenários, além dos novos custos provocados pelo aumento do preço do combustível, que gera inflação para todos os elos da cadeia. Guerra ainda pontuou que o momento pede ações que busquem reduzir a pressão dos custos sobre a cadeia, citando como uma das alternativas, além da importação de produtos ligados à agricultura sem imposto e a taxa de importação, projetos e políticas voltados ao fomento da irrigação.

"Os custos em nível industrial estão absurdos, junto a isso, vemos queda no poder de compra dos consumidores", arrematou Valter Brandalise, do Sindileite (SC). O estado, segundo o secretário da Agricultura, Altair Silva, tem o desafio de buscar no mercado uma quantidade ainda maior de milho neste ano. "Vamos produzir apenas 2 milhões de toneladas, o que exigirá uma compra de 5 milhões de toneladas. De onde sairá tanto milho?", questionou. O secretário entende que, diante do quadro, a Conab deveria focar sua atuação de forma a manter uma pauta comum que atenda às necessidades de abastecimento de todos os estados. Já o secretário da Agricultura do Paraná, Norberto Ortigara, reforçou que além da estiagem, dos custos e da disparada do dólar, o setor ainda concorre com a área de combustíveis, já que 7 milhões de toneladas do cereal são direcionadas para a fabricação de etanol.

O chefe-geral da Embrapa Gado de Leite, Paulo Martins, elencou alguns pontos que precisam ser trabalhados para garantir eficiência, competitividade e resultados. Entre eles está a necessidade de políticas diferenciadas para os diversos níveis de produtores hoje em atuação no país, além de uma política de automação tanto para o produtor como para a indústria. Outro ponto se refere ao conhecimento sobre a qualidade da matéria-prima utilizada. "Há 20 anos o setor lácteo ganhou expressividade nacional em termos de mercado, a qualidade melhorou muito. Há dificuldades de entendimento sobre a importância de políticas para o leite, assim como há dificuldade de haver uma coordenação maior entre as cadeias", destacou Martins, reforçando que o setor é carente de políticas públicas, algo que se perdeu em 1980.

Martins defendeu a ideia de que o setor passe a apostar ainda mais na inovação por meio da entrega de serviços/produtos/tecnologias de startups. "Precisamos colocar os jovens juntos nesse processo, caso contrário, não teremos a velocidade necessária para encontrar as soluções que buscamos", disse. Para Darlan Palharini, secretário-executivo do Sindilat, o setor precisa buscar o equilíbrio para fazer frente a um potente mercado internacional – são cinco países que detêm 90% do mercado de exportação de leite. "Como não há como tributar as importações, o setor deve ir em busca de soluções que garantam esse equilíbrio", disse, referindo-se a aspectos como aumento de produtividade e custo competitivos tanto no mercado doméstico como no mercado internacional.

Já o consultor para a cadeia leiteira Airton Spies lembrou que a volatilidade é algo frequente no preço do leite brasileiro. Em 2020, o preço saiu de R\$ 1,40 o litro em maio para algo próximo a R\$ 2,20 em outubro, uma variação de 53% segundo dados do CEPEA. "Os anos anteriores também tiveram a mesma flutuação, onde certamente predominaram margens muito estreitas em boa parte desse período, o que torna a atividade vulnerável a qualquer tipo de planejamento e investimento", disse.



**Veículo:** Terraviva

**Link:** <https://tvterraviva.band.uol.com.br/videos/bem-da-terra/16905608/cadeia-leiteira-sinaliza-cautela>

**Página:** Notícias

**Data:** 10/03/2021



## Cadeia leiteira sinaliza cautela

No segundo bloco do Bem da Terra desta quarta-feira (10), a jornalista Renata Maron conversou via Skype com o analista de economia da Embrapa Gado de Leite, Denis Teixeira da Rocha, e com o secretário-executivo do Sindilat, Darlan Palharini, sobre o atual cenário do mercado do leite. Confira!

10/03/2021 11:24 17 visualizações



LATICÍNIOS

## SINDILAT: Aliança Láctea Sul Brasileira discute saídas para gargalos que pressionam o setor neste início de ano

A primeira reunião de 2021 da Aliança Láctea Sul Brasileira trouxe à tona os desafios de curto, médio e longo prazo que precisam ser enfrentados pelo setor



Publicado em: 10/03/2021 às 11:35hs



Gargalos como a expressiva alta dos custos de produção, a volatilidade nos preços do produto, a organização da cadeia com vistas à conquista de competitividade e a presença no mercado externo, além do enfrentamento de questões voltadas à sanidade animal.

Abrindo a reunião virtual coordenada por Ronei Volpi, o presidente da Farsul, Gedeão Pereira, lembrou que o agronegócio vive um momento favorável, à exceção de alguns setores, como o leite. Segundo ele, os custos elevados vêm pressionando a atividade, sobretudo em função do desabastecimento de milho. Uma das saídas apontadas por ele é reduzir a dependência do setor produtivo pelo cereal. Para isso, a Farsul deve iniciar em breve um estudo que estimule a produção de grãos alternativos no inverno com teor nutritivo adequado (cevada, centeio e triticale, por exemplo) em áreas utilizadas por coberturas verdes. “Essa pode ser uma alternativa à importação de 4 milhões de toneladas de milho pelo Rio Grande do Sul, cujos custos se refletem em outras cadeias também, como a de suínos e a de frangos. No curto prazo não vamos resolver o déficit de milho por meio do plantio”, destacou Gedeão. O mesmo cenário deficitário com o milho foi relatado por representantes do Paraná e de Santa Catarina, estado esse que vem se deparando com a necessidade de compra de até 6 milhões de toneladas para dar conta de suas cadeias produtivas.

O momento delicado pelo qual atravessa o setor lácteo foi confirmado pelo 1º vice-presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat), Alexandre Guerra. “A única certeza que temos é o aumento do custo ao produtor e indústria, com muitos atuando sem margem e outros no negativo”, afirmou. De acordo com ele, no front, estão incertezas sobre a sustentação do mercado como reflexo do auxílio emergencial que deve ser liberado em breve, e como será o comportamento do consumidor diante dos novos cenários, além dos novos custos provocados pelo aumento do preço do combustível, que gera inflação para todos os elos da cadeia. Guerra ainda pontuou que o momento pede ações que busquem reduzir a pressão dos custos sobre a cadeia, citando como uma das alternativas, além da importação de produtos ligados à agricultura sem imposto e a taxa de importação, projetos e políticas voltados ao fomento da irrigação.

“Os custos em nível industrial estão absurdos, junto a isso, vemos queda no poder de compra dos consumidores”, arrematou Valter Brandalise, do Sindileite (SC). O estado, segundo o secretário da Agricultura, Altair Silva, tem o desafio de buscar no mercado uma quantidade ainda maior de milho neste ano. “Vamos produzir apenas 2 milhões de toneladas, o que exigirá uma compra de 5 milhões de toneladas. De onde sairá tanto milho?”, questionou. O secretário entende que, diante do quadro, a Conab deveria focar sua atuação de forma a manter uma pauta comum que atenda às necessidades de abastecimento de todos os estados. Já o secretário da Agricultura do Paraná, Norberto Ortigara, reforçou que além da estiagem, dos custos e da disparada do dólar, o setor ainda concorre com a área de combustíveis, já que 7 milhões de toneladas do cereal são direcionadas para a fabricação de etanol.

O chefe-geral da Embrapa Gado de Leite, Paulo Martins, elencou alguns pontos que precisam ser trabalhados para garantir eficiência, competitividade e resultados. Entre eles está a necessidade de políticas diferenciadas para os diversos níveis de produtores hoje em atuação no país, além de uma política de automação tanto para o produtor como para a indústria. Outro ponto se refere ao conhecimento sobre a qualidade da matéria-prima utilizada. “Há 20 anos o setor lácteo ganhou expressividade nacional em termos de mercado, a qualidade melhorou muito. Há dificuldades de entendimento sobre a importância de políticas para o leite, assim como há dificuldade de haver uma coordenação maior entre as cadeias”, destacou Martins, reforçando que o setor é carente de políticas públicas, algo que se perdeu em 1980.

Martins defendeu a ideia de que o setor passe a apostar ainda mais na inovação por meio da entrega de serviços/produtos/tecnologias de startups. “Precisamos colocar os jovens juntos nesse processo, caso contrário, não teremos a velocidade necessária para encontrar as soluções que buscamos”, disse. Para Darlan Palharini, secretário-executivo do Sindilat, o setor precisa buscar o equilíbrio para fazer frente a um potente mercado internacional - são cinco países que detêm 90% do mercado de exportação de leite. “Como não há como tributar as importações, o setor deve ir em busca de soluções que garantam esse equilíbrio”, disse, referindo-se a aspectos como aumento de produtividade e custo competitivos tanto no mercado doméstico como no mercado internacional.

Já o consultor para a cadeia leiteira Airton Spies lembrou que a volatilidade é algo frequente no preço do leite brasileiro. Em 2020, o preço saiu de R\$ 1,40 o litro em maio para algo próximo a R\$ 2,20 em outubro, uma variação de 53% segundo dados do CEPEA. “Os anos anteriores também tiveram a mesma flutuação, onde certamente predominaram margens muito estreitas em boa parte desse período, o que torna a atividade vulnerável a qualquer tipo de planejamento e investimento”, disse.

Fonte: Sindilat





**Veículo:** Condor Agronegócios

**Link:** <https://www.sementescondor.com.br/noticias/item/25941-sindilat-alian%C3%A7a-l%C3%A1ctea-sul-brasileira-discute-sa%C3%ADdas-para-gargalos-que-pressionam-o-setor-neste-in%C3%ADcio-de-ano.html>

**Página:** Notícias

**Data:** 10/03/2021

## SINDILAT: Aliança Láctea Sul Brasileira discute saídas para gargalos que pressionam o setor neste início de ano

10 Março 2021

A primeira reunião de 2021 da Aliança Láctea Sul Brasileira trouxe à tona os desafios de curto, médio e longo prazo que precisam ser enfrentados pelo setor. Gargalos como a expressiva alta dos custos de produção, a volatilidade nos preços do produto, a organização da cadeia com vistas à conquista de competitividade e a presença no mercado externo, além do enfrentamento de questões voltadas à sanidade animal.

Abrindo a reunião virtual coordenada por Ronei Volpi, o presidente da Farsul, Gedeão Pereira, lembrou que o agronegócio vive um momento ...

**Continuar leitura:** Notícias Agrícolas

## Aliança Láctea Sul Brasileira discute saídas para gargalos que pressionam o setor

12, março, 2021



A primeira reunião de 2021 da **Aliança Láctea Sul Brasileira** trouxe à tona os desafios de curto, médio e longo prazo que precisam ser enfrentados pelo setor. Gargalos como a expressiva alta dos custos de produção, a volatilidade nos preços do produto, a organização da cadeia com vistas à conquista de competitividade e a presença no mercado externo, além do enfrentamento de questões voltadas à sanidade animal.

Abrindo a reunião virtual coordenada por Ronei Volpi, o presidente da Farsul, Gedeão Pereira, lembrou que o agronegócio vive um momento favorável, à exceção de alguns setores, como o leite. Segundo ele, os custos elevados vêm pressionando a atividade, sobretudo em função do desabastecimento de milho. Uma das saídas apontadas por ele é reduzir a dependência do setor produtivo pelo cereal. Para isso, a Farsul deve iniciar em breve um estudo que estimule a produção de grãos alternativos no inverno com teor nutritivo adequado (cevada, centeio e triticale, por exemplo) em áreas utilizadas por coberturas verdes. “Essa pode ser uma alternativa à importação de 4 milhões de toneladas de milho pelo Rio Grande do Sul, cujos custos se refletem em outras cadeias também, como a de suínos e a de frangos. No curto prazo não vamos resolver o déficit de milho por meio do plantio”, destacou Gedeão. O mesmo cenário deficitário com o milho foi relatado por representantes do Paraná e de Santa Catarina, estado esse que vem se deparando com a necessidade de compra de até 6 milhões de toneladas para dar conta de suas cadeias produtivas.

O momento delicado pelo qual atravessa o **setor lácteo** foi confirmado pelo 1º vice-presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat), Alexandre Guerra. “A única certeza que temos é o aumento do custo ao produtor e indústria, com muitos atuando sem margem e outros no negativo”, afirmou. De acordo com ele, no front estão incertezas sobre a sustentação do mercado como reflexo do auxílio emergencial que deve ser liberado em breve, e como será o comportamento do consumidor diante dos novos cenários, além dos novos custos provocados pelo aumento do preço do combustível, que gera inflação para todos os elos da cadeia. Ele ainda pontuou que o momento pede ações que busquem reduzir a pressão dos custos sobre a cadeia, citando como alternativas, além da importação de produtos ligados à agricultura sem imposto e a taxa de importação, projetos e políticas voltados ao fomento da irrigação.

"Os custos em nível industrial estão absurdos, junto a isso, vemos queda no poder de compra dos consumidores", arrematou Valter Brandalise, do Sindileite (SC). O estado, segundo o secretário da Agricultura, Altair Silva, tem o desafio de buscar no mercado uma quantidade ainda maior de milho neste ano. "Vamos produzir apenas 2 milhões de toneladas, o que exigirá uma compra de 5 milhões de toneladas. De onde sairá tanto milho?", questionou. O secretário entende que, diante do quadro, a Conab deveria focar sua atuação de forma a manter uma pauta comum que atenda às necessidades de abastecimento de todos os estados. Já o secretário da Agricultura do Paraná, Norberto Ortigara, reforçou que além da estiagem, dos custos e da disparada do dólar, o setor ainda concorre com a área de combustíveis, já que 7 milhões de toneladas do cereal são direcionadas para a fabricação de etanol.

O chefe-geral da Embrapa Gado de Leite, Paulo Martins, elencou alguns pontos que precisam ser trabalhados para garantir eficiência, competitividade e resultados. Entre eles está a necessidade de políticas diferenciadas para os diversos níveis de produtores hoje em atuação no país, além de uma política de automação tanto para o produtor como para a indústria. Outro ponto se refere ao conhecimento sobre a qualidade da matéria-prima utilizada. "Há 20 anos o setor lácteo ganhou expressividade nacional em termos de mercado, a qualidade melhorou muito. Há dificuldades de entendimento sobre a importância de políticas para o leite, assim como há dificuldade de haver uma coordenação maior entre as cadeias", destacou Martins, reforçando que o setor é carente de políticas públicas, algo que se perdeu em 1980. Martins defendeu a ideia de que o setor passe a apostar em R\$ 1,40 o litro em maio para algo próximo a R\$ 2,20 em outubro, uma variação de 53% segundo dados do CEPEA. "Os anos anteriores também tiveram a mesma flutuação, onde certamente predominaram margens muito estreitas em boa parte desse período, o que torna a atividade vulnerável a qualquer tipo de planejamento e investimento", disse.

*Fonte: Assessoria de Imprensa Sindilat, 10 março 2021*



## Importação de leite perdeu força nos últimos meses

Volume recuou de 22 mil toneladas em dezembro para 14,6 mil toneladas em fevereiro em movimento que sofre impacto da desvalorização do real

15/03/2021 | 18:28

Danton Júnior



Alvo de reclamação dos produtores de leite, a importação de lácteos perdeu força nos últimos meses como consequência da elevação da taxa de câmbio. Segundo dados do Ministério da Economia compilados pelo Sindicato da Indústria de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat), o volume total de importações feitas pelo Brasil caiu de 22 mil toneladas em dezembro de 2020 para 14,6 mil toneladas em fevereiro deste ano. O cálculo inclui a importação de leite em pó integral, leite em pó desnatado, iogurtes, soro de leite em pó, manteiga e queijo.

“As importações ocorrem muito mais por uma oportunidade de diminuição de custos, não porque tenham qualidade superior”, justifica o secretário-executivo do Sindilat, Darlan Palharini. Para março, é aguardada uma nova queda das importações, já que, além do dólar alto, há a valorização expressiva do produto nos leilões da plataforma Global Dairy Trade (GDT). O dirigente ressalta ainda que os impactos dos preços do milho e do farelo de soja, utilizados na alimentação animal, começam a ser sentidos em todo o mundo, de modo que produzir lácteos a um custo baixo torna-se cada vez mais difícil. “Esse reajuste de preços provavelmente consiga reverter um quadro que o Brasil vinha enfrentando muito forte de concorrência com as importações no mercado interno”, analisa.

Em 2020, o pico das importações foi percebido entre outubro e dezembro. No período, registrou-se a elevação das aquisições de leite em pó desnatado e leite em pó integral, principalmente. A maior parte do leite importado pelo Brasil nos dois primeiros meses deste ano veio da Argentina (49,3%) e Uruguai (40,2%). Paraguai, Estados Unidos, Nova Zelândia e França também realizaram embarques para o território brasileiro.

**Veículo:** Agert

**Link:** <https://www.agert.org.br/index.php/mais-audios/20473-desafios-para-o-setor-do-leite-foram-debatidos-na-alianca-lactea-sul-brasileira>

**Página:** Notícias

**Data:** 15/03/2021

Rádio AGERT

15/03/21

## Desafios para o setor do leite foram debatidos na Aliança Láctea Sul Brasileira

O secretário-executivo do Sindicato das Indústrias de Laticínios do Rio Grande do Sul (Sindilat), Darlan Palharini, destacou o que o setor precisa fazer para aumentar as exportações dos produtos lácteos.



GIRO DO BOI

## **Congresso promulga emenda constitucional que garante volta do auxílio emergencial**

A sessão solene de promulgação da PEC 186/19 foi conduzida pelos presidentes da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL), e do Senado, senador Rodrigo Pacheco (DEM-MG). A PEC Emergencial foi aprovada na semana passada, após três dias de debates e votações.

Pelo texto promulgado, o governo poderá reservar, em 2021, até R\$ 44 bilhões do Orçamento para pagar o auxílio. O valor ficará fora da regra do teto de gastos e das restrições para endividamento (regra de ouro), além de não contar para a meta de superávit primário do ano. Sem essa flexibilização, proposta pelo Congresso, o governo não teria como dar o benefício.

A emenda não traz valor do benefício. Isso ficará a cargo do governo, que informou que será de R\$ 175 a R\$ 375 por quatro meses.

O auxílio emergencial foi criado pelo Congresso Nacional (Lei 13.982/20). O projeto que deu origem ao debate é do deputado Eduardo Barbosa (PSDB-MG). Em 2020 foram concedidas nove parcelas (cinco de R\$ 600 e quatro de R\$ 300).



## O QUE DIZ A PEC EMERGENCIAL

O governo poderá pagar o auxílio emergencial em 2021 sem precisar cumprir as regras fiscais, como limites de gastos e endividamento.

O gasto total com o benefício terá que ser de **R\$ 44 bilhões**.

- Como contrapartida ao novo auxílio, a PEC aprimora os gatilhos que são acionados quando os gastos do poder público atingirem um determinado patamar (95% das despesas totais).
- Os órgãos não poderão conceder aumento aos seus servidores, conceder novos incentivos fiscais, realizar concursos ou programas como o Refis.
- Os gatilhos poderão ser adotados pelos estados, municípios e Distrito Federal, mas o acionamento é opcional.
- O governo também terá que diminuir os incentivos fiscais. Ficam de fora o Simples, a Zona Franca de Manaus, Prouni e a cesta básica.
- Uma lei complementar vai regulamentar a sustentabilidade da dívida pública, com indicadores de apuração e medidas de ajustes.
- A PEC introduz regras fiscais definitivas para períodos de calamidade pública, como a pandemia, como contratação sem licitação e uso superavit financeiro para custear o combate à calamidade pública.
- O texto estende de 2024 para 2029 o prazo para que estados e municípios paguem seus precatórios e revoga a compensação paga pela União para a desoneração o tributo das exportações (Lei Kandir)



Fonte: Agência Câmara de Notícias, adaptado pelo Sindilat.

<http://www.sindilat.com.br/site/category/newsletter/>

**Veículo:** Terra

**Link:** <https://www.terra.com.br/economia/valor-de-referencia-no-rs-em-marco-cai-073-a-r-13786-o-litro-diz-conseleite,f3ac18f68ddd066c98684f6e95326e124x5iqva3.html>

**Página:** Notícias

**Data:** 23/03/2021

ECONOMIA

## Valor de referência no RS em março cai 0,73% a R\$ 1,3786 o litro, diz Conseleite

23 MAR 2021 15h17



COMENTÁRIOS



Ouvir 0:00



SHARE THIS ARTICLE WITH  
THOSE WHO HAVE READING  
OR VISION DIFFICULTIES



São Paulo, 23 - O valor de referência do leite projetado para o mês de março no Rio Grande do Sul é de R\$ 1,3786, 0,73% abaixo do consolidado de fevereiro (R\$ 1,3887). Os dados compilados no período de 1º a 10 de março foram divulgados em reunião virtual do Conseleite nesta terça-feira, 23.

"Os números mostram estabilidade no mix comercializado. Estamos entrando em um período de entressafra e, nos próximos dias, teremos uma redução mais acentuada da coleta de leite no campo. Isso deve impactar nos preços ao consumidor", disse, em nota, o atual vice-presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), Alexandre Guerra, que assumiu nesta terça como coordenador do Conseleite.

Na mesma nota, o professor da Universidade de Passo Fundo (UPF) Eduardo Finamore disse que o valor está 11,78% acima da média do mesmo período de 2020. "Aparentemente, arrefeceu-se a queda do valor de referência no Rio Grande do Sul", constatou.

A expectativa, explicou o economista, é que o avanço da vacinação contra a Covid-19 garanta a retomada do crescimento econômico. "Estávamos em ciclo de recuperação que foi congelado pela pandemia", informou. Sobre o leite, ponderou que falta ao Brasil um plano claro de desenvolvimento lastreado na exportação. "A demanda neste ano deve se manter no patamar de 2020, talvez um pouco acima."

GERAL

## Valor de referência no RS em março cai 0,73% a R\$ 1,3786 o litro, diz Conseleite



O valor está 11,78% acima da média do mesmo período de 2020 (Crédito: Arquivo / Agência Brasil)

Estadão Conteúdo

23/03/21 - 15h07 - Atualizado em 23/03/21 - 16h43



← Anúncios Google

[Não exibir mais este anúncio](#) [Anúncio? Por quê? ⓘ](#)

▶ Ouvir: Valor no RS em m... 0:00 audímo



São Paulo, 23 – O valor de referência do leite projetado para o mês de março no Rio Grande do Sul é de R\$ 1,3786, 0,73% abaixo do consolidado de fevereiro (R\$ 1,3887). Os dados compilados no período de 1º a 10 de março foram divulgados em reunião virtual do Conseleite nesta terça-feira, 23.

“Os números mostram estabilidade no mix comercializado. Estamos entrando em um período de entressafra e, nos próximos dias, teremos uma redução mais acentuada da coleta de leite no campo. Isso deve impactar nos preços ao consumidor”, disse, em nota, o atual vice-presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), Alexandre Guerra, que assumiu nesta terça como coordenador do Conseleite.



Na mesma nota, o professor da Universidade de Passo Fundo (UPF) Eduardo Finamore disse que o valor está 11,78% acima da média do mesmo período de 2020. "Aparentemente, arrefeceu-se a queda do valor de referência no Rio Grande do Sul", constatou.



A expectativa, explicou o economista, é que o avanço da vacinação contra a Covid-19 garanta a retomada do crescimento econômico. "Estávamos em ciclo de recuperação que foi congelado pela pandemia", informou. Sobre o leite, ponderou que falta ao Brasil um plano claro de desenvolvimento lastreado na exportação. "A demanda neste ano deve se manter no patamar de 2020, talvez um pouco acima."

## CONSELEITE: Valor projetado do leite é de R\$ 1,3786 em março no RS

Publicado em 23/03/2021 14:10

159 exibições



O valor de referência do leite projetado para o mês de março no Rio Grande do Sul é de R\$ 1,3786, 0,73% abaixo do consolidado de fevereiro (R\$ 1,3887). Os dados compilados no período de 1º a 10 de março foram divulgados em reunião virtual do Conseleite nesta terça-feira (23/03), data em que Alexandre Guerra assumiu como coordenador do colegiado. Atual vice-presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), Guerra representa as indústrias e segue na gestão ao lado de Rodrigo Rizzo, assessor da Farsul, que agora é vice-coordenador. “Os números mostram estabilidade no mix comercializado. Estamos entrando em um período de entressafra e, nos próximos dias, teremos uma redução mais acentuada da coleta de leite no campo. Isso deve impactar nos preços ao consumidor”, previu Guerra.

Segundo o professor da Universidade de Passo Fundo (UPF) Eduardo Finamore, apesar da redução em março, o valor está 11,78% acima da média do mesmo período de 2020. “Aparentemente, arrefeceu-se a queda do valor de referência no Rio Grande do Sul”, constatou. A expectativa, explicou o economista, é que o avanço da vacinação contra a Covid-19 garanta a retomada do crescimento econômico. “Estávamos em ciclo de recuperação que foi congelado pela pandemia”, informou. Sobre o leite, ponderou que falta ao Brasil um plano claro de desenvolvimento lastreado na exportação. “A demanda neste ano deve se manter no patamar de 2020, talvez um pouco acima.”

No campo e na indústria, a pressão de custos preocupa. De acordo com Rodrigo Rizzo, a variação cambial traz impacto direto na rentabilidade das propriedades. As indústrias também informam estarem operando sem margem nos últimos meses. “A expectativa é que a retomada do auxílio emergencial pago a famílias de baixa renda ajude, apesar de o valor estar menor e mais restritivo em relação ao concedido em 2020”. Outro agravante na crise do setor lácteo nacional refere-se à importação. Apesar de os patamares ainda estarem elevados, dados indicam tendência de diminuição das aquisições em função do aumento dos preços internacionais e valorização do dólar, o que torna a produção interna mais competitiva.

Apil e Fetraf-Sul passam a integrar o Conseleite

Durante a reunião, o Conseleite também aprovou seu novo regulamento. Pelo regimento, também ganham cadeiras efetivas no Conseleite a Associação das Pequenas e Médias Indústrias de Laticínios do RS (Apil) e a Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul (Fetraf-Sul), passando de 16 para 18 entidades integrantes. Também foi definido que, a partir de agora, a gestão do Conseleite ficará a cargo de um coordenador, excluindo-se o título de presidente utilizado até então. Os diretores passarão a ser denominados conselheiros.

Terça-feira, 23 de março de 2021 - 14h08m

Agronegócio &gt; Leite

**RS: coronavírus – valor projetado do leite é de R\$ 1,3786 em março no Estado, diz Conseleite gaúcho****Porto Alegre/RS**

O valor de referência do leite projetado para o mês de março no Rio Grande do Sul é de R\$ 1,3786, 0,73% abaixo do consolidado de fevereiro (R\$ 1,3887). Os dados compilados no período de 1º a 10 de março foram divulgados em reunião virtual do Conseleite nesta terça-feira (23), data em que Alexandre Guerra assumiu como coordenador do colegiado. Atual vice-presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), Guerra representa as indústrias e segue na gestão ao lado de Rodrigo Rizzo, assessor da Farsul, que agora é vice-coordenador. "Os números mostram estabilidade no mix comercializado. Estamos entrando em um período de entressafra e, nos próximos dias, teremos uma redução mais acentuada da coleta de leite no campo. Isso deve impactar nos preços ao consumidor", previu Guerra.

Segundo o professor da Universidade de Passo Fundo (UPF) Eduardo Finamore, apesar da redução em março, o valor está 11,78% acima da média do mesmo período de 2020. "Aparentemente, arrefeceu-se a queda do valor de referência no Rio Grande do Sul", constatou. A expectativa, explicou o economista, é que o avanço da vacinação contra a Covid-19 garanta a retomada do crescimento econômico. "Estávamos em ciclo de recuperação que foi congelado pela pandemia", informou. Sobre o leite, ponderou que falta ao Brasil um plano claro de desenvolvimento lastreado na exportação. "A demanda neste ano deve se manter no patamar de 2020, talvez um pouco acima."

No campo e na indústria, a pressão de custos preocupa. De acordo com Rodrigo Rizzo, a variação cambial traz impacto direto na rentabilidade das propriedades. As indústrias também informam estarem operando sem margem nos últimos meses. "A expectativa é que a retomada do auxílio emergencial pago a famílias de baixa renda ajude, apesar de o valor estar menor e mais restritivo em relação ao concedido em 2020". Outro agravante na crise do setor lácteo nacional refere-se à importação. Apesar de os patamares ainda estarem elevados, dados indicam tendência de diminuição das aquisições em função do aumento dos preços internacionais e valorização do dólar, o que torna a produção interna mais competitiva.

**Apil e Fetraf-Sul passam a integrar o Conseleite**

Durante a reunião, o Conseleite também aprovou seu novo regulamento. Pelo regimento, também ganham cadeiras efetivas no Conseleite a Associação das Pequenas e Médias Indústrias de Laticínios do RS (Apil) e a Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul (Fetraf-Sul), passando de 16 para 18 entidades integrantes. Também foi definido que, a partir de agora, a gestão do Conseleite ficará a cargo de um coordenador, excluindo-se o título de presidente utilizado até então. Os diretores passarão a ser denominados conselheiros.

**Fonte:** Sindilat**Imagens**

Foto: Carolina Jardine / Sindilat

Sympla



<b>ORATÓRIA DIGITAL</b> MARATONA DA COMUNICAÇÃO EFL... A partir de ... <b>COMPRE JÁ</b>	<b>WORKSHOPS</b> A partir de ... <b>CO</b>
<b>QUEM É QUE VAI LER ISSO? JORNALISMO...</b> A partir de ... <b>COMPRE JÁ</b>	<b>OFICINA CIENTÍFI</b> A partir de ... <b>CO</b>





O valor de referência do leite projetado para o mês de março no Rio Grande do Sul é de R\$ 1,3786, isto é, **0,73% abaixo do consolidado de fevereiro** (R\$ 1,3887). Os dados compilados no período de 1º a 10 de março foram divulgados em reunião virtual do Conseleite nesta terça-feira (23/03), data em que Alexandre Guerra assumiu como coordenador do colegiado.

O atual vice-presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), Guerra representa as indústrias e segue na gestão ao lado de Rodrigo Rizzo, assessor da Farsul, que agora é vice-coordenador. “Os números mostram **estabilidade no mix comercializado**. Estamos entrando em um período de entressafra e, nos próximos dias, teremos uma redução mais acentuada da coleta de leite no campo. Isso deve impactar nos preços ao consumidor”, pontuou Guerra.

De acordo com o professor da Universidade de Passo Fundo (UPF) Eduardo Finamore, apesar da redução em março, o valor está 11,78% acima da média do mesmo período de 2020. “Aparentemente, arrefeceu-se a queda do valor de referência no Rio Grande do Sul”, observou.

A expectativa, segundo o economista, é que o **avanço da vacinação contra a Covid-19 garanta a retomada do crescimento econômico**. “Estávamos em ciclo de recuperação que foi congelado pela pandemia”, informou. Sobre o leite, ponderou que falta ao Brasil um plano claro de desenvolvimento lastreado na exportação. “A demanda neste ano deve se manter no patamar de 2020, talvez um pouco acima.”

**No campo e na indústria, a pressão de custos preocupa.** De acordo com Rodrigo Rizzo, a variação cambial traz impacto direto na rentabilidade das propriedades. As indústrias também informam estarem operando sem margem nos últimos meses. “A expectativa é que a retomada do auxílio emergencial pago a famílias de baixa renda ajude, apesar de o valor estar menor e mais restritivo em relação ao concedido em 2020”.

Outro agravante na crise do setor lácteo nacional são as importações. Apesar de os patamares ainda estarem elevados, os dados indicam tendência de diminuição das aquisições em função do aumento dos preços internacionais e valorização do dólar, o que torna a produção interna mais competitiva.

Durante a reunião, o Conseleite também aprovou seu novo regulamento. Pelo regimento, também ganham cadeiras efetivas no Conseleite a Associação das Pequenas e Médias Indústrias de Laticínios do RS (Apil) e a Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul (Fetraf-Sul), passando de 16 para 18 entidades integrantes.

Além disso, a partir de agora, a gestão do Conseleite ficará a cargo de um coordenador, excluindo-se o título de presidente utilizado até então. Os diretores passarão a ser denominados conselheiros.

As informações são do Conseleite/RS, adaptadas pela Equipe MilkPoint.

*\*Fonte da foto: [Freepik](#)*

23 de março de 2021

## Conseleite/RS - Valor projetado do leite é de R\$ 1,3786 em março no RS

COMPARTILHAR

**DESTAQUE**

Fonte: Conseleite/RS | Foto da capa: Pixabay

Conseleite/RS - O valor de referência do leite projetado para o mês de março no Rio Grande do Sul é de R\$ 1,3786, 0,73% abaixo do consolidado de fevereiro (R\$ 1,3887). Os dados compilados no período de 1º a 10 de março foram divulgados em reunião virtual do Conseleite nesta terça-feira (23/03), data em que Alexandre Guerra assumiu como coordenador do colegiado.

Atual vice-presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), Guerra representa as indústrias e segue na gestão ao lado de Rodrigo Rizzo, assessor da Farsul, que agora é vice-coordenador. "Os números mostram estabilidade no mix comercializado. Estamos entrando em um período de entressafra e, nos próximos dias, teremos uma redução mais acentuada da coleta de leite no campo. Isso deve impactar nos preços ao consumidor", previu Guerra.

Segundo o professor da Universidade de Passo Fundo (UPF) Eduardo Finamore, apesar da redução em março, o valor está 11,78% acima da média do mesmo período de 2020.

"Aparentemente, arrefeceu-se a queda do valor de referência no Rio Grande do Sul", constatou.

A expectativa, explicou o economista, é que o avanço da vacinação contra a Covid-19 garanta a retomada do crescimento econômico. "Estávamos em ciclo de recuperação que foi congelado pela pandemia", informou. Sobre o leite, ponderou que falta ao Brasil um plano claro de desenvolvimento lastreado na exportação. "A demanda neste ano deve se manter no patamar de 2020, talvez um pouco acima."

No campo e na indústria, a pressão de custos preocupa. De acordo com Rodrigo Rizzo, a variação cambial traz impacto direto na rentabilidade das propriedades. As indústrias também informam estarem operando sem margem nos últimos meses.

“A expectativa é que a retomada do auxílio emergencial pago a famílias de baixa renda ajude, apesar de o valor estar menor e mais restritivo em relação ao concedido em 2020”. Outro agravante na crise do setor lácteo nacional refere-se à importação.

Apesar de os patamares ainda estarem elevados, dados indicam tendência de diminuição das aquisições em função do aumento dos preços internacionais e valorização do dólar, o que torna a produção interna mais competitiva.

### **Apil e Fetraf-Sul passam a integrar o Conseleite**

Durante a reunião, o Conseleite também aprovou seu novo regulamento. Pelo regimento, também ganham cadeiras efetivas no Conseleite a Associação das Pequenas e Médias Indústrias de Laticínios do RS (Apil) e a Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul (Fetraf-Sul), passando de 16 para 18 entidades integrantes.

Também foi definido que, a partir de agora, a gestão do Conseleite ficará a cargo de um coordenador, excluindo-se o título de presidente utilizado até então. Os diretores passarão a ser denominados conselheiros. (Fonte: Assessoria de Imprensa Sindilat/Crédito: Carolina Jardine)

**Acesse aqui a matéria na íntegra**



ESTADÃO

## Conseleite projeta queda de 0,73% no valor pago em março pelo litro de leite no RS

Cotação de referência está em R\$ 1,3786 pelo litro, uma alta de 11,78% em relação à média do mesmo período de 2020

1 min de leitura

### ESTADÃO CONTEÚDO

23 MAR 2021 - 17H56 | ATUALIZADO EM 23 MAR 2021 - 17H57

O valor de referência do leite projetado para o mês de março no Rio Grande do Sul é de R\$ 1,3786, 0,73% abaixo do consolidado de fevereiro (R\$ 1,3887). Os dados compilados no período de 1º a 10 de março foram divulgados em reunião virtual do Conseleite nesta terça-feira (23/3).

"Os números mostram estabilidade no mix comercializado. Estamos entrando em um período de entressafra e, nos próximos dias, teremos uma redução mais acentuada da coleta de leite no campo. Isso deve impactar nos preços ao consumidor", disse, em nota, o atual vice-presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), Alexandre Guerra, que assumiu nesta terça como coordenador do Conseleite.

▼ PUBLICIDADE ▼



### Troca de Servo Embreagem

A 0002501562-1

**3x de R\$ 1.007,00** ou à vista R\$ 3.021,00  
12 meses de garantia.

\* Consulte aplicações  
VALIDADE: 01/04 À 31/05/2021

[SAIBA MAIS](#)



Na mesma nota, o professor da Universidade de Passo Fundo (UPF) Eduardo Finamore disse que o valor está 11,78% acima da média do mesmo período de 2020. "Aparentemente, arrefeceu-se a queda do valor de referência no Rio Grande do Sul", constatou.

A expectativa, explicou o economista, é de que o avanço da vacinação contra a Covid-19 garanta a retomada do crescimento econômico. "Estávamos em ciclo de recuperação que foi congelado pela pandemia", informou.

Sobre o leite, ponderou que falta ao Brasil um plano claro de desenvolvimento lastreado na exportação. "A demanda neste ano deve se manter no patamar de 2020, talvez um pouco acima."

**Veículo:** Farsul**Link:** <https://www.farsul.org.br/farsul/valor-projetado-do-leite-e-de-r-1-3786-em-marco-no-rs,390351.jhtml>**Página:** Notícias**Data:** 23/03/2021

## Valor projetado do leite é de R\$ 1,3786 em março no RS

Apesar da redução em março, o valor está 11,78% acima da média do mesmo período de 2020

 Terça-feira, 23 de Março de 2021

O valor de referência do leite projetado para o mês de março no Rio Grande do Sul é de R\$ 1,3786, 0,73% abaixo do consolidado de fevereiro (R\$ 1,3887). Os dados compilados no período de 1º a 10 de março foram divulgados em reunião virtual do Conseleite nesta terça-feira (23/03), data em que Alexandre Guerra assumiu como coordenador do colegiado. Atual vice-presidente do Sindilat, Guerra representa as indústrias e segue na gestão ao lado de Rodrigo Rizzo, assessor da Farsul, que agora é vice-coordenador. "Os números mostram estabilidade no mix comercializado. Estamos entrando em um período de entressafra e, nos próximos dias, teremos uma redução mais acentuada da coleta de leite no campo. Isso deve impactar nos preços ao consumidor", previu Guerra.

Segundo o professor da UPF, Eduardo Finamore, apesar da redução em março, o valor está 11,78% acima da média do mesmo período de 2020. "Aparentemente, arrefeceu-se a queda do valor de referência no Rio Grande do Sul", constatou. A expectativa, explicou o economista, é que o avanço da vacinação contra a Covid-19 garanta a retomada do crescimento econômico. "Estávamos em ciclo de recuperação que foi congelado pela pandemia", informou. Sobre o leite, ponderou que falta ao Brasil um plano claro de desenvolvimento lastreado na exportação. "A demanda neste ano deve se manter no patamar de 2020, talvez um pouco acima."

No campo e na indústria, a pressão de custos preocupa. De acordo com Rodrigo Rizzo, a variação cambial traz impacto direto na rentabilidade das propriedades. As indústrias também informam estarem operando sem margem nos últimos meses. "A expectativa é que a retomada do auxílio emergencial pago a famílias de baixa renda ajude, apesar de o valor estar menor e mais restritivo em relação ao concedido em 2020". Outro agravante na crise do setor lácteo nacional refere-se à importação. Apesar de os patamares ainda estarem elevados, dados indicam tendência de diminuição das aquisições em função do aumento dos preços internacionais e valorização do dólar, o que torna a produção interna mais competitiva.

### **Apil e Fetrat-Sul passam a integrar o Conseleite**

Durante a reunião, o Conseleite também aprovou seu novo regulamento. Pelo regimento, também ganham cadeiras efetivas no Conseleite a Associação das Pequenas e Médias Indústrias de Laticínios do RS (Apil) e a Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul (Fetrat-Sul), passando de 16 para 18 entidades integrantes. Também foi definido que, a partir de agora, a gestão do Conseleite ficará a cargo de um coordenador, excluindo-se o título de presidente utilizado até então. Os diretores passarão a ser denominados conselheiros.

*Fonte: Conseleite/RS*

**Veículo:** Apil

**Link:** <https://apilrs.com.br/preco-do-leite-no-rio-grande-do-sul-tera-queda-de-45-2/>

**Página:** Notícias

**Data:** 23/03/2021

## Preço do leite no Rio Grande do Sul terá queda de 4,5%

23 fevereiro 2021



Em reunião realizada na manhã desta terça-feira, 23 de fevereiro, o Conleite divulgou o preço referência do leite, com valor consolidado de R\$ 1,4341 e o projetado para fevereiro em R\$ 1,3710, com indicação de queda de R\$ 0,06 por litro pago ao produtor. Com isso, a redução fica em torno de 4,5%.

A Associação das Pequenas e Médias Indústrias de Laticínios do Rio Grande do Sul (Apil) esteve representada pelo assessor executivo da entidade, Osmar Redin. Segundo o dirigente, os principais produtos apresentaram queda. O muçarela registrou menos 3,97%, o queijo prato menos 4,15% e o leite em pó menos 5,04%. “Tivemos no mix, o queijo representando 21,9%, mas isto mostrou também uma tendência da queda do preço que as indústrias podem pagar ao produtor”, destacou.

Redin informou, ainda, que a reunião do grupo técnico que debate alterações nos regimentos do Conleite deve ocorrer nas próximas duas semanas. Inicialmente, ela estava prevista para acontecer em 8 de fevereiro. Também ficou definido para a próxima reunião a mudança de coordenação do conselho, que será exercida pela indústria a partir da presidência do Sindilat.

Outra pauta decidida foi a realização de nova cobrança à Secretaria da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural sobre as definições dos recursos do Fundoleite. Conforme Redin, não houve o pagamento previsto à Universidade de Passo Fundo (UPF) com estes recursos como havia sido acertado no ano passado.



**Veículo:** Isto é Dinheiro

**Link:** <https://www.istoedinheiro.com.br/valor-de-referencia-no-rs-em-marco-cai-073-a-r-13786-o-litro-diz-conseleite/>

**Página:** Notícias

**Data:** 23/03/2021

AGRONEGÓCIO

## Valor de referência no RS em março cai 0,73% a R\$ 1,3786 o litro, diz Conseleite

Estadão Conteúdo

23/03/21 - 15h07



São Paulo, 23 – O valor de referência do leite projetado para o mês de março no Rio Grande do Sul é de R\$ 1,3786, 0,73% abaixo do consolidado de fevereiro (R\$ 1,3887). Os dados compilados no período de 1º a 10 de março foram divulgados em reunião virtual do Conseleite nesta terça-feira, 23.

“Os números mostram estabilidade no mix comercializado. Estamos entrando em um período de entressafra e, nos próximos dias, teremos uma redução mais acentuada da coleta de leite no campo. Isso deve impactar nos preços ao consumidor”, disse, em nota, o atual vice-presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), Alexandre Guerra, que assumiu nesta terça como coordenador do Conseleite.

Na mesma nota, o professor da Universidade de Passo Fundo (UPF) Eduardo Finamore disse que o valor está 11,78% acima da média do mesmo período de 2020. “Aparentemente, arrefeceu-se a queda do valor de referência no Rio Grande do Sul”, constatou.

A expectativa, explicou o economista, é que o avanço da vacinação contra a Covid-19 garanta a retomada do crescimento econômico. “Estávamos em ciclo de recuperação que foi congelado pela pandemia”, informou. Sobre o leite, ponderou que falta ao Brasil um plano claro de desenvolvimento lastreado na exportação. “A demanda neste ano deve se manter no patamar de 2020, talvez um pouco acima.”

**Veículo:** Condor Agronegócios

**Link:** [https://www.sementescondor.com.br/noticias/item/26732-conseleite-valor-projetado-do-leite-%C3%A9-de-r\\$-1,3786-em-mar%C3%A7o-no-rs.html](https://www.sementescondor.com.br/noticias/item/26732-conseleite-valor-projetado-do-leite-%C3%A9-de-r$-1,3786-em-mar%C3%A7o-no-rs.html)

**Página:** Notícias

**Data:** 23/03/2021

## CONSELEITE: Valor projetado do leite é de R\$ 1,3786 em março no RS

23 Março 2021

O valor de referência do leite projetado para o mês de março no Rio Grande do Sul é de R\$ 1,3786, 0,73% abaixo do consolidado de fevereiro (R\$ 1,3887). Os dados compilados no período de 1º a 10 de março foram divulgados em reunião virtual do Conseleite nesta terça-feira (23/03), data em que Alexandre Guerra assumiu como coordenador do colegiado. Atual vice-presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), Guerra representa as indústrias e segue na gestão ao lado de Rodrigo Rizzo, assessor da Farsul, que agora é vice-coordenador. “Os números mostram estabilidade ...

**Continuar leitura:** Notícias Agrícolas

Home / Geral

## AGRO: Valor projetado do leite é de R\$ 1,3786 em março no RS

Por Redação FC Jornalismo 24 horas 📅 Publicados 23 de março de 2021



### Previsão do Tempo

Qua Qui Sex Sab

HORIZONTINA - RS

16°  
26°

Pancadas de Chuva

CPTEC/INPE

ESPACO PSI

Serviços em Psicologia

Michèle S. Balzan CRP: 07/21.906

Vânia F. K. CRP: 07/21.8

O valor de referência do leite projetado para o mês de março no Rio Grande do Sul é de R\$ 1,3786, 0,73% abaixo do consolidado de fevereiro (R\$ 1,3887).

Os dados compilados no período de 1º a 10 de março foram divulgados em reunião virtual do Conseleite nesta terça-feira (23/03), data em que Alexandre Guerra assumiu como coordenador do colegiado.

Atual vice-presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), Guerra representa as indústrias e segue na gestão ao lado de Rodrigo Rizzo, assessor da Farsul, que agora é vice-coordenador.

“Os números mostram estabilidade no mix comercializado. Estamos entrando em um período de entressafra e, nos próximos dias, teremos uma redução mais acentuada da coleta de leite no campo. Isso deve impactar nos preços ao consumidor”, previu Guerra.

Segundo o professor da Universidade de Passo Fundo (UPF) Eduardo Finamore, apesar da redução em março, o valor está 11,78% acima da média do mesmo período de 2020. “Aparentemente, arrefeceu-se a queda do valor de referência no Rio Grande do Sul”, constatou.

A expectativa, explicou o economista, é que o avanço da vacinação contra a Covid-19 garanta a retomada do crescimento econômico. “Estávamos em ciclo de recuperação que foi congelado pela pandemia”, informou.

Sobre o leite, ponderou que falta ao Brasil um plano claro de desenvolvimento lastreado na exportação. “A demanda neste ano deve se manter no patamar de 2020, talvez um pouco acima.”

No campo e na indústria, a pressão de custos preocupa. De acordo com Rodrigo Rizzo, a variação cambial traz impacto direto na rentabilidade das propriedades. As indústrias também informam estarem operando sem margem nos últimos meses. “A expectativa é que a retomada do auxílio emergencial pago a famílias de baixa renda ajude, apesar de o valor estar menor e mais restritivo em relação ao concedido em 2020”. Outro agravante na crise do setor lácteo nacional refere-se à importação. Apesar de os patamares ainda estarem elevados, dados indicam tendência de diminuição das aquisições em função do aumento dos preços internacionais e valorização do dólar, o que torna a produção interna mais competitiva.

### Apil e Fetrat-Sul passam a integrar o Conseleite

Durante a reunião, o Conseleite também aprovou seu novo regulamento. Pelo regimento, também ganham cadeiras efetivas no Conseleite a Associação das Pequenas e Médias Indústrias de Laticínios do RS (Apil) e a Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul (Fetrat-Sul), passando de 16 para 18 entidades integrantes. Também foi definido que, a partir de agora, a gestão do Conseleite ficará a cargo de um coordenador, excluindo-se o título de presidente utilizado até então. Os diretores passarão a ser denominados conselheiros.

## Referência do leite recua 0,73%

Conseleite projeta preço de R\$ 1,3786 para março e prevê período de estabilização

23/03/2021 | 19:06  
Carolina Pastl\*



O valor de referência do leite projetado pelo Conselho Paritário Produtores/Indústrias de Leite do Estado (Conseleite) é de R\$ 1,3786 para este mês no Rio Grande do Sul, com variação, para menos, de 0,73% sobre o consolidado de fevereiro (R\$ 1,3887) e, para mais, de 11,78% sobre o de março de 2020 (R\$ 1,2333). O preço também é o menor desde maio do ano passado, quando o consolidado registrou R\$ 1,2630. Os dados foram divulgados ontem, em reunião virtual dos integrantes do Conseleite.

Este cenário de retração, no entanto, vinha se desenhando desde setembro, mês do maior valor consolidado de 2020, de R\$ 1,6327. Para o vice-presidente da Fetag, Eugênio Zanetti, há uma situação preocupante que pode levar várias famílias a abandonar a atividade. “A baixa demanda interna ocasionada pelo término do auxílio emergencial e a alta de 25% dos fertilizantes e de 130% dos grãos nos últimos meses estão reduzindo a lucratividade”, justifica.

O novo coordenador do Conseleite, Alexandre Guerra, lembra que as indústrias também vêm operando sem margem de lucro e entende que agora o preço deve se estabilizar porque a produção está entrando na entressafra, o que deve reduzir a oferta no mercado interno, ao mesmo tempo que o aumento dos preços internacionais e a valorização do dólar devem reduzir a importação nacional. “Esperamos que a retomada do auxílio emergencial possa ajudar também a elevar esse valor”, acrescenta.

A reunião também confirmou alterações no regulamento do conselho. A gestão ficará a cargo de um coordenador. O título de presidente utilizado até então fica extinto. Também foi aprovada a inclusão no Conseleite da Associação das Pequenas e Médias Indústrias de Laticínios (Apil) e da Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar (Fetraf-Sul).

*\*Sob supervisão de Elder Ogliari*



**Veículo:** Canal Rural

**Link:** <https://www.canalrural.com.br/radar/preco-do-leite-pago-ao-produtor-deve-recuar-no-rio-grande-do-sul/paged-2/1211/>

**Página:** Notícias

**Data:** 23/03/2021

23 de março de 2021 às 19h01

## **Preço do leite pago ao produtor deve recuar no Rio Grande do Sul**

O valor de referência do leite projetado para o mês de março no Rio Grande do Sul é de R\$ 1,3786, 0,73% abaixo do consolidado de fevereiro (R\$ 1,3887). Os dados compilados no período de 1º a 10 de março foram divulgados em reunião virtual do Conseleite nesta terça-feira, 23.

"Os números mostram estabilidade no mix comercializado. Estamos entrando em um período de entressafra e, nos próximos dias, teremos uma redução mais acentuada da coleta de leite no campo. Isso deve impactar nos preços ao consumidor", disse, em nota, o atual vice-presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), Alexandre Guerra, que assumiu nesta terça como coordenador do Conseleite.

Na mesma nota, o professor da Universidade de Passo Fundo (UPF) Eduardo Finamore disse que o valor está 11,78% acima da média do mesmo período de 2020. "Aparentemente, arrefeceu-se a queda do valor de referência no Rio Grande do Sul", constatou. A expectativa, explicou o economista, é que o avanço da vacinação contra a Covid-19 garanta a retomada do crescimento econômico. "Estávamos em ciclo de recuperação que foi congelado pela pandemia", informou.

*Por Estadão Conteúdo*

**broadcast**  
**agro**O AGRONEGÓCIO EM TEMPO REAL  
App Store Google Play **bc** **broadcast**  
**agro**

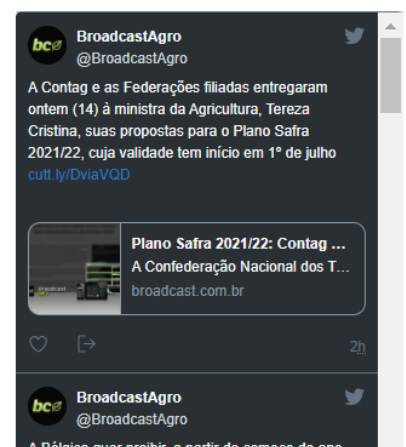
AGRONEGÓCIOS 23/03/2021 14:15

## CONSELEITE: VALOR DE REFERÊNCIA NO RS EM MARÇO CAI 0,73%, PARA R\$ 1,3786 O LITRO



São Paulo, 23/03/2021 - O valor de referência do leite projetado para o mês de março no Rio Grande do Sul é de R\$ 1,3786, 0,73% abaixo do consolidado de fevereiro (R\$ 1,3887). Os dados compilados no período de 1º a 10 de março foram divulgados em reunião virtual do Conceleite nesta terça-feira. "Os números mostram estabilidade no mix comercializado. Estamos entrando em um período de entressafra e, nos próximos dias, teremos uma redução mais acentuada da coleta de leite no campo. Isso deve impactar nos preços ao consumidor", disse, em nota, o atual vice-presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), Alexandre Guerra, que assumiu hoje como coordenador do Conceleite.

Na mesma nota, o professor da Universidade de Passo Fundo (UPF) Eduardo Finamore disse que o valor está 11,78% acima da média do mesmo período de 2020. "Aparentemente, arrefeceu-se a queda do valor de referência no Rio Grande do Sul", constatou. A expectativa, explicou o economista, é que o avanço da vacinação contra a Covid-19 garanta a retomada do crescimento econômico. "Estávamos em ciclo de recuperação que foi congelado pela pandemia", informou. Sobre o leite, ponderou que falta ao Brasil um plano claro de desenvolvimento lastreado na exportação. "A demanda neste ano deve se manter no patamar de 2020, talvez um pouco acima."



**Veículo:** Agert

**Link:** <https://www.agert.org.br/index.php/mais-audios/20488-conseleite-divulga-o-valor-de-referencia-o-leite-par-marco-com-reducao-de-0-73>

**Página:** Notícias

**Data:** 24/03/2021

Rádio AGERT

24/03/21

### Conseleite divulga o valor de referência o leite par março com redução de 0,73%

O vice-coordenador do Conseleite, Rodrigo Rizzo, anunciou que Alexandre Guerra é o novo coordenador do órgão. Também ingressaram novas entidades no conselho.



## Valor projetado do leite é de R\$ 1,3786 em março no RS

24 de março de 2021

O valor de referência do leite projetado para o mês de março no Rio Grande do Sul é de R\$ 1,3786, 0,73% abaixo do consolidado de fevereiro (R\$ 1,3887). Os dados compilados no período de 1º a 10 de março foram divulgados em reunião virtual do Conseleite nesta terça-feira (23/03), data em que Alexandre Guerra assumiu como coordenador do colegiado. Atual vice-presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), Guerra representa as indústrias e segue na gestão ao lado de Rodrigo Rizzo, assessor da Farsul, que agora é vice-coordenador. "Os números mostram estabilidade no mix comercializado. Estamos entrando em um período de entressafra e, nos próximos dias, teremos uma redução mais acentuada da coleta de leite no campo. Isso deve impactar nos preços ao consumidor", previu Guerra.

Segundo o professor da Universidade de Passo Fundo (UPF) Eduardo Finamore, apesar da redução em março, o valor está 11,78% acima da média do mesmo período de 2020. "Aparentemente, arrefeceu-se a queda do valor de referência no Rio Grande do Sul", constatou. A expectativa, explicou o economista, é que o avanço da vacinação contra a Covid-19 garanta a retomada do crescimento econômico. "Estávamos em ciclo de recuperação que foi congelado pela pandemia", informou. Sobre o leite, ponderou que falta ao Brasil um plano claro de desenvolvimento lastreado na exportação. "A demanda neste ano deve se manter no patamar de 2020, talvez um pouco acima."



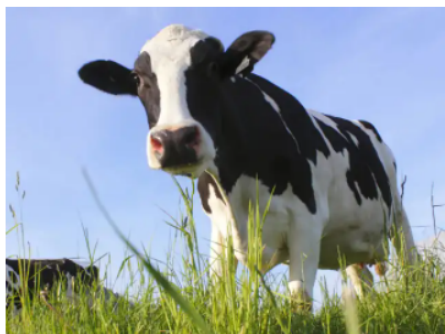
No campo e na indústria, a pressão de custos preocupa. De acordo com Rodrigo Rizzo, a variação cambial traz impacto direto na rentabilidade das propriedades. As indústrias também informam estarem operando sem margem nos últimos meses. "A expectativa é que a retomada do auxílio emergencial pago a famílias de baixa renda ajude, apesar de o valor estar menor e mais restritivo em relação ao concedido em 2020". Outro agravante na crise do setor lácteo nacional refere-se à importação. Apesar de os patamares ainda estarem elevados, dados indicam tendência de diminuição das aquisições em função do aumento dos preços internacionais e valorização do dólar, o que torna a produção interna mais competitiva.

### **Apil e Fetraf-Sul passam a integrar o Conseleite**

Durante a reunião, o Conseleite também aprovou seu novo regulamento. Pelo regimento, também ganham cadeiras efetivas no Conseleite a Associação das Pequenas e Médias Indústrias de Laticínios do RS (Apil) e a Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul (Fetraf-Sul), passando de 16 para 18 entidades integrantes. Também foi definido que, a partir de agora, a gestão do Conseleite ficará a cargo de um coordenador, excluindo-se o título de presidente utilizado até então. Os diretores passarão a ser denominados conselheiros.

## Conseleite/RS: Valor de referência para o leite de Março tem projeção de queda de 0,73%

24-03-2021 15:12:29



O valor de referência do leite projetado para o mês de março no Rio Grande do Sul é de R\$ 1,3786, 0,73% abaixo do consolidado de fevereiro (R\$ 1,3887). Os dados compilados no período de 1º a 10 de março foram divulgados em reunião virtual do Conseleite nesta terça-feira (23/03), data em que Alexandre Guerra assumiu como coordenador do colegiado. Atual vice-presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), Guerra representa as indústrias e segue na gestão ao lado de Rodrigo Rizzo, assessor da Farsul, que agora é vice-coordenador. “Os números mostram estabilidade no mix comercializado. Estamos entrando em um período de entressafra e, nos próximos dias, teremos uma redução mais acentuada da coleta de leite no campo. Isso deve impactar nos preços ao consumidor”, previu Guerra.

Segundo o professor da Universidade de Passo Fundo (UPF) Eduardo Finamore, apesar da redução em março, o valor está 11,78% acima da média do mesmo período de 2020. “Aparentemente, arrefeceu-se a queda do valor de referência no Rio Grande do Sul”, constatou. A expectativa, explicou o economista, é que o avanço da vacinação contra a Covid-19 garanta a retomada do crescimento econômico. “Estávamos em ciclo de recuperação que foi congelado pela pandemia”, informou. Sobre o leite, ponderou que falta ao Brasil um plano claro de desenvolvimento lastreado na exportação. “A demanda neste ano deve se manter no patamar de 2020, talvez um pouco acima.”

### > Homogeneizador de Alta Pressão com Vazão até 60.000 L/h

No campo e na indústria, a pressão de custos preocupa. De acordo com Rodrigo Rizzo, a variação cambial traz impacto direto na rentabilidade das propriedades. As indústrias também informam estarem operando sem margem nos últimos meses. “A expectativa é que a retomada do auxílio emergencial pago a famílias de baixa renda ajude, apesar de o valor estar menor e mais restritivo em relação ao concedido em 2020”. Outro agravante na crise do setor lácteo nacional refere-se à importação. Apesar de os patamares ainda estarem elevados, dados indicam tendência de diminuição das aquisições em função do aumento dos preços internacionais e valorização do dólar, o que torna a produção interna mais competitiva.

**Apil e Fetraf-Sul passam a integrar o Conseleite** - Durante a reunião, o Conseleite também aprovou seu novo regulamento. Pelo regimento, também ganham cadeiras efetivas no Conseleite a Associação das Pequenas e Médias Indústrias de Laticínios do RS (Apil) e a Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul (Fetraf-Sul), passando de 16 para 18 entidades integrantes. Também foi definido que, a partir de agora, a gestão do Conseleite ficará a cargo de um coordenador, excluindo-se o título de presidente utilizado até então. Os diretores passarão a ser denominados conselheiros.

As informações são do [Sindilat/RS](#).

LEITE - Publicada em 03h00min, 24/03/2021.

**Valor projetado para o leite em março cai 0,73%****Início do período de entressafra deve impactar nos preços finais**

/MARCELO G. RIBEIRO/ARQUIVO/JC

O valor de referência do leite projetado para o mês de março no Rio Grande do Sul é de R\$ 1,3786, 0,73% abaixo do consolidado de fevereiro (R\$ 1,3887). Os dados compilados no período de 1º a 10 de março foram divulgados em reunião virtual do Conseleite nesta terça-feira (23), data em que Alexandre Guerra assumiu como coordenador do colegiado. Atual vice-presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), Guerra representa as indústrias e segue na gestão ao lado de Rodrigo Rizzo, assessor da Farsul, que agora é vice-coordenador.

Anúncios Google

Não exibir mais este anúncio

Anúncio? Por quê? ⓘ

"Os números mostram estabilidade no mix comercializado. Estamos entrando em um período de entressafra e, nos próximos dias, teremos uma redução mais acentuada da coleta de leite no campo. Isso deve impactar nos preços ao consumidor", previu Guerra. Segundo o professor da Universidade de Passo Fundo (UPF) Eduardo Finamore, apesar da redução em março, o valor está 11,78% acima da média do mesmo período de 2020. "Aparentemente, arrefeceu-se a queda do valor de referência no Rio Grande do Sul", constatou. A expectativa, explicou o economista, é que o avanço da vacinação contra a Covid-19 garanta a retomada do crescimento econômico. "Estávamos em ciclo de recuperação que foi congelado pela pandemia", informou. Sobre o leite, ponderou que falta ao Brasil um plano claro de desenvolvimento lastreado na exportação. "A demanda neste ano deve se manter no patamar de 2020, talvez um pouco acima."

No campo e na indústria, a pressão de custos preocupa. De acordo com Rodrigo Rizzo, a variação cambial traz impacto direto na rentabilidade das propriedades. As indústrias também informam estarem operando sem margem nos últimos meses. "A expectativa é que a retomada do auxílio emergencial pago a famílias de baixa renda ajude, apesar de o valor estar menor e mais restritivo em relação ao concedido em 2020". Outro agravante na crise do setor lácteo nacional refere-se à importação. Apesar de os patamares ainda estarem elevados, dados indicam tendência de diminuição das aquisições em função do aumento dos preços internacionais e valorização do dólar, o que torna a produção interna mais competitiva.

Durante a reunião, o Conseleite também aprovou seu novo regulamento. Pelo regimento, também ganham cadeiras efetivas no Conseleite a Associação das Pequenas e Médias Indústrias de Laticínios do RS (Apil) e a Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul (Fetraf-Sul), passando de 16 para 18 entidades integrantes. Também foi definido que, a partir de agora, a gestão do Conseleite ficará a cargo de um coordenador, excluindo-se o título de presidente utilizado até então. Os diretores passarão a ser denominados conselheiros.



Veículo: GZH

Link: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/gisele-loeblein/noticia/2021/03/periodo-de-menor-producao-deve-mexer-com-o-preco-do-leite-no-rs-ckmnq68jp005n016upee8cnk1.html>

Página: Notícias

Data: 24/03/2021

OFERTA E DEMANDA

## Período de menor produção deve mexer com o preço do leite no RS

Depois de quatro meses seguidos de recuo, valor pago ao produtor se estabiliza, com projeção de impacto ao consumidor com chegada da entressafra

24/03/2021 - 14h36min  
Atualizada em 24/03/2021 - 14h36min

GZH EXCLUSIVO



Produtores e indústrias pontuam que recuperação de preços do leite é necessária para fazer frente à alta de custos de produção

Carol Jardine / Jardine Comunicação / Divulgação

Depois de bater no fundo e estabilizar, o **preço do leite** tende a mudar o sentido daqui para a frente. A projeção é feita com base na sazonalidade da produção no Rio Grande do Sul. Março e abril são meses da chamada entressafra, quando o volume captado recua em torno de 25%. Habitualmente, essa redução na oferta costuma vir acompanhada da retomada no consumo, que cai nos meses de férias. São fatores que puxam para cima os valores.

O valor de referência ao produtor para março está projetado em R\$ 1,3786 pelo Conseleite, conselho paritário que reúne o setor. É a quarta redução mensal seguida, mas já em um patamar de estabilidade — recuou 0,73% sobre o consolidado de fevereiro.

## LEIA MAIS

Entenda por que novo recuo no preço do leite no RS é motivo de preocupação



De um mês para o outro, custo com transporte da safra mais do que dobra em cidades do RS



A opção possível para lidar com a alta do milho



— Estamos entrando em um período de entressafra e, nos próximos dias, teremos uma redução mais acentuada da coleta de leite no campo. Isso deve impactar nos preços ao consumidor — projeta Alexandre Guerra, vice-presidente do Sindilat-RS e representante das indústrias no Conseleite.

O dirigente explica que, no período de redução da produção, os custos fixos da **indústria** aumentam, porque é preciso manter a mesma estrutura para processar um volume menor.

Tanto indústria quanto **produtores** apontam a necessidade de fazer frente ao aumento de custos, que têm desequilibrado as contas. Entre os itens de maior peso estão **milho**, fertilizantes e **combustíveis**. Outra influência negativa vem da variação cambial, que encarece insumos.

A amplitude desses aumentos tem anulado o novo patamar de preços do leite — o valor atual de referência ao produtor é 11,78% maior do que em igual período do ano passado.

— Não acompanha os custos. Só o milho subiu 130% e os fertilizante, 25%. A margem do produtor está cada dia mais achatada — observa Eugênio Zanetti, vice-presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura (Fetag-RS).

Da mesma forma, Guerra pontua que os **laticínios** ficaram os dois primeiros meses do ano com prejuízo, por conta do gasto maior no momento em que o consumo arrefeceu:

— Dependemos da recuperação para sair do vermelho.

O **retorno do auxílio emergencial** traz a expectativa de efeito positivo, mas de alcance diferente visto que será menor. Com poder de compra reduzido, o consumidor vai focar em produtos que sejam mais em conta.

**Veículo:** Edairy News**Link:** <https://edairynews.com/br/valor-de-referencia-no-rs-em-marco-cai-073-a-r-13786-o-litro-diz-conseleite-71843/>**Página:** Notícias**Data:** 25/03/2021

Brasil | 25 março, 2021

**LEITE | VALOR DE REFERÊNCIA NO RS EM MARÇO CAI 0,73% A R\$ 1,3786 O LITRO, DIZ CONSELEITE**

O valor de referência do leite projetado para o mês de março no Rio Grande do Sul é de R\$ 1,3786, 0,73% abaixo do consolidado de fevereiro (R\$ 1,3887). Os dados compilados no período de 1º a 10 de março foram divulgados em reunião virtual do Conseleite nesta terça-feira, 23.

São Paulo, 23 – O valor de referência do leite projetado para o mês de março no Rio Grande do Sul é de R\$ 1,3786, 0,73% abaixo do consolidado de fevereiro (R\$ 1,3887). Os dados compilados no período de 1º a 10 de março foram divulgados em reunião virtual do Conseleite nesta terça-feira, 23.

“Os números mostram estabilidade no mix comercializado. Estamos entrando em um período de entressafra e, nos próximos dias, teremos uma redução mais acentuada da coleta de leite no campo. Isso deve impactar nos preços ao consumidor”, disse, em nota, o atual vice-presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), Alexandre Guerra, que assumiu nesta terça como coordenador do Conseleite.

Na mesma nota, o professor da Universidade de Passo Fundo (UPF) Eduardo Finamore disse que o valor está 11,78% acima da média do mesmo período de 2020. “Aparentemente, arrefeceu-se a queda do valor de referência no Rio Grande do Sul”, constatou.

A expectativa, explicou o economista, é que o avanço da vacinação contra a Covid-19 garanta a retomada do crescimento econômico. “Estávamos em ciclo de recuperação que foi congelado pela pandemia”, informou. Sobre o leite, ponderou que falta ao Brasil um plano claro de desenvolvimento lastreado na exportação. “A demanda neste ano deve se manter no patamar de 2020, talvez um pouco acima.”





Imagem: Pixabay

**VALOR DE REFERÊNCIA****Valor projetado do leite é de R\$ 1,3786 em março no RS**

Os números mostram estabilidade no mix comercializado

Por: AGROLINK COM INF. DE ASSESSORIA

Publicado em 26/03/2021 às 14:33h.



O valor de referência do leite projetado para o mês de março no Rio Grande do Sul é de R\$ 1,3786, 0,73% abaixo do consolidado de fevereiro (R\$ 1,3887). Os dados compilados no período de 1º a 10 de março foram divulgados em reunião virtual do Conseleite nesta terça-feira (23/03), data em que Alexandre Guerra assumiu como coordenador do colegiado. Atual vice-presidente do Sindicato da Indústria de Laticínios do RS (Sindilat), Guerra representa as indústrias e segue na gestão ao lado de Rodrigo Rizzo, assessor da Farsul, que agora é vice-coordenador. “Os números mostram estabilidade no mix comercializado. Estamos entrando em um período de entressafra e, nos próximos dias, teremos uma redução mais acentuada da coleta de leite no campo. Isso deve impactar nos preços ao consumidor”, previu Guerra.

Segundo o professor da Universidade de Passo Fundo (UPF) Eduardo Finamore, apesar da redução em março, o valor está 11,78% acima da média do mesmo período de 2020. “Aparentemente, arrefeceu-se a queda do valor de referência no Rio Grande do Sul”, constatou. A expectativa, explicou o economista, é que o avanço da vacinação contra a Covid-19 garanta a retomada do crescimento econômico. “Estávamos em ciclo de recuperação que foi congelado pela pandemia”, informou. Sobre o leite, ponderou que falta ao Brasil um plano claro de desenvolvimento lastreado na exportação. “A demanda neste ano deve se manter no patamar de 2020, talvez um pouco acima.”

No campo e na indústria, a pressão de custos preocupa. De acordo com Rodrigo Rizzo, a variação cambial traz impacto direto na rentabilidade das propriedades. As indústrias também informam estarem operando sem margem nos últimos meses. “A expectativa é que a retomada do auxílio emergencial pago a famílias de baixa renda ajude, apesar de o valor estar menor e mais restritivo em relação ao concedido em 2020”. Outro agravante na crise do setor lácteo nacional refere-se à importação. Apesar de os patamares ainda estarem elevados, dados indicam tendência de diminuição das aquisições em função do aumento dos preços internacionais e valorização do dólar, o que torna a produção interna mais competitiva.

Apil e Fetraf-Sul passam a integrar o Conseleite

Durante a reunião, o Conseleite também aprovou seu novo regulamento. Pelo regimento, também ganham cadeiras efetivas no Conseleite a Associação das Pequenas e Médias Indústrias de Laticínios do RS (Apil) e a Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul (Fetraf-Sul), passando de 16 para 18 entidades integrantes. Também foi definido que, a partir de agora, a gestão do Conseleite ficará a cargo de um coordenador, excluindo-se o título de presidente utilizado até então. Os diretores passarão a ser denominados conselheiros.



**SINDILAT/RS**

Sindicato da Indústria de Laticínios  
do Rio Grande do Sul

# CLIPPING ELETRÔNICO

Março de 2021

**Veículo:** Canal Terraviva

**Link:** <https://tvterraviva.band.uol.com.br/videos/bem-da-terra/16905608/cadeia-leiteira-sinaliza-cautela>

**Programa:** Bem da Terra

**Data:** 10/03/2021

**Minutagem:** 17'06"

